

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

FELIPE SCOTTI NUNES

A IMPORTÂNCIA DA DERROTA: DO ESPORTE PARA A VIDA

PORTO ALEGRE

2019

FELIPE SCOTTI NUNES

A IMPORTÂNCIA DA DERROTA: DO ESPORTE PARA A VIDA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, exigência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Balbinotti

PORTO ALEGRE

2019

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor Alberto de Oliveira Monteiro que, em uma despretenhosa aula sobre valores, na disciplina de Futebol, me levou ao *insight* que originou a elaboração deste trabalho. Já se tratava de um assunto sobre o qual eu muito refletia no dia a dia, porém, ainda não o compreendia como uma possibilidade a ser aprofundada em nossa área. Agradeço, também, pela indicação de inspiradoras leituras.

Ao professor doutor Adroaldo Cezar Araujo Gaya, pelos primeiros questionamentos acerca do tema por mim escolhido - durante as aulas de Pesquisa I - e pela preocupação em me fazer contatar o professor Betão.

Ao professor doutor Alberto Reinaldo Reppold Filho - o Betão -, pela tranquilidade e acessibilidade mesmo que à distância. Por reconhecer a relevância do tema e me encorajar a escrever sobre. Agradeço, também, pelas indicações de leituras iniciais que deram base a todo este estudo.

Ao professor doutor Carlos Adelar Abaide Balbinotti, por aceitar o desafio de me orientar durante todo este abstrato processo. Agradeço, também, por todas as contribuições e trocas de conhecimento feitas na disciplina de Pedagogia do Esporte.

Ao seu Cláudio e à Neusa Maria, meus pais, por me terem provido tudo que sempre necessitei. Por serem quem são e por terem me proporcionado a vida, por terem me guiado durante toda a minha caminhada até aqui. Por me apoiarem nas minhas derrotas e por compartilharem suas risadas em meus sucessos. Por terem colocado o esporte na minha vida. Por acreditarem que a educação transforma e terem investido em seus filhos. Por me incentivarem e acreditarem em mim quando nem eu mesmo acreditava. Pelos beijos e abraços, mas também pelas broncas e puxões de orelhas. Por isso e por muito mais, eu agradeço. Amo vocês.

Às minhas avós, com quem tive o privilégio de aprender e crescer junto.

Aos meus avôs, nos quais, apesar de não ter tido a oportunidade de conviver muito, me inspiro nas boas histórias que perduram e são lembradas com muito carinho até hoje.

Às minhas irmãs, Gê e Cau, por contribuírem na minha formação como pessoa. Apesar das muitas brigas e discórdias - das mais bobas às mais traumatizantes – o carinho e a vontade de estar junto sempre prevalecem.

A todos meus familiares. Tias e tios; primos e primas; minha madrinha Nilza; meu cunhado Franco; minha afilhada Elisa. Por terem feito parte da minha jornada e colaborarem das mais diversas maneiras em minha evolução pessoal.

Aos meus amigos e colegas. Dos mais próximos aos mais distantes. Pela parceria, pelas palavras de incentivo e por compartilharem momentos que nos permitem refletir e crescer. Agradeço ao Lucca e ao Vicente pela força; e ao Rafael, que há muitos anos me instrui em meus treinamentos e, hoje, muito mais do que apenas colega de profissão se tornou um mentor profissional.

A todos os professores e treinadores que fizeram parte da minha trajetória. Pela paciência, pela dedicação e por todos os ensinamentos transmitidos.

Aos meus alunos, que dão sentido à minha condição de professor. Por me questionarem, respeitarem e desafiarem. Por me proporcionarem inúmeras lições advindas da troca entre professor e aluno.

À Clara, uma das pessoas mais sensacionais com quem tive o privilégio de cruzar nessa vida. Pela energia boa que transmite. Por cativar a todos e contagiar as pessoas que a cercam a serem a melhor versão de si mesmos. Por toda a parceria e aprendizado compartilhado. Por toda a paciência. Por me acalmar durante as crises de estresse e ansiedade. Por me auxiliar durante este trabalho e me ajudar a clarear as ideias. Meu muito obrigado - a ti e à tua família, que muito me inspira também.

A todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e que, de alguma forma, contribuíram com o meu crescimento. Por terem feito parte da minha caminhada, meu muito obrigado.

“Pra vocês todos que assistirem e estão assistindo agora, eu digo que: seja quem você for, seja qualquer posição que você tenha na vida - um nível altíssimo ou mais baixo -, tenha sempre como meta muita força, muita determinação e sempre faça tudo com muito amor [...], que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá” (SENNÁ, Ayrton).

RESUMO

Em uma sociedade que enaltece a quantidade de conquistas e grandes realizações, como o sucesso é encontrado através da derrota? O vencer e o perder fazem parte do drama esportivo e da vida. Boa parte das pessoas corre desenfreada e desesperadamente atrás do sucesso, não dedicando o devido tempo para refletir sobre seus insucessos. É necessário visualizar e compreender estas situações como ricas oportunidades de aprendizagem. Os objetivos deste trabalho são: o de reunir achados que evidenciem a importância da derrota no processo de formação de valores e de desenvolvimento da cidadania; de demonstrar as atuais implicações de sua percepção em nossa sociedade atual; e de refletir quanto a uma forma utópica de compreendê-la e de propô-la no âmbito educacional. Para isso utilizou-se de uma revisão narrativa como metodologia. Também foi realizada a análise de uma obra cinematográfica: *“Coach Carter - Treino Para a Vida”* (2005), dirigido por Thomas Carter. Baseado em fatos reais, o filme retrata pessoas que conseguiram atingir sucesso diante de um sistema projetado para que falhassem. Evidenciou-se a necessidade de se quebrar a cultura vigente de “vencer a qualquer custo” e que é indispensável que os conceitos de derrota e de fracasso sejam desconstruídos e ressignificados. A Educação Física tem um papel importante nesta proposta, uma vez que é sua função fazer com que os alunos reflitam criticamente diante de situações adversas – muito recorrentes nas práticas esportivas.

Palavras-chave: Derrota; Valores; Esporte; Educação; Lições da Derrota.

ABSTRACT

In a society that praises the amount of victories and great accomplishments, how can success be achieved through defeat? Winning and losing are part of the drama of sports and of life. The majority of people run rampant and desperately after success, not giving themselves enough time to consider their failures. It is necessary to visualize and comprehend these situations as rich learning experiences. The objectives of this paper are: to gather findings that highlight the importance of defeat in the process of shaping values and in unraveling a sense of citizenship; to demonstrate the current implications of its perception in our society; and to reflect on a utopian way of understanding and proposing it in the educational sphere. Therefore, a narrative review was used as methodology. Also, an analysis of a cinematographic piece was made: *Coach Carter* (2005), directed by Thomas Carter. Based on real facts, it portrays people that managed to succeed amidst a system designed to make them fail. It was made clear the necessity to break the current “winning at all costs” culture and that it is indispensable that the concepts of defeat and failure have to be deconstructed and redefined. Physical Education has an important role in this proposition, once it is its job to make students reflect critically in regards to adverse ordeals – very recurrent on sportive practices.

Key Words: Defeat; Values; Sport; Education; Lessons of Defeat.

FELIPE SCOTTI NUNES

A IMPORTÂNCIA DA DERROTA: DO ESPORTE PARA A VIDA

Conceito Final: A

Aprovado em 10 de Julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago José Leonardi – UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Balbinotti – UFRGS

PORTO ALEGRE

2019

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 METODOLOGIA	17
3 A DERROTA EM NOSSA SOCIEDADE: ENTRE O REAL E O IDEAL	19
3.1 Mais que uma medalhista de ouro, uma campeã Olímpica	25
3.2 Rodrigo Caio: admiração ou estranheza coletiva?	26
4 DERROTA E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO DESPORTO	29
4.1 O esporte como ferramenta humanitária	29
4.2 Educação Física como Linguagem	30
4.3 A problemática da competição	32
4.4 A importância da derrota na formação de valores	35
4.5 O treinador-filósofo	41
5 A ARTE QUE IMITA A VIDA	44
5.1 Coach Carter - O treinador-filósofo	44
5.1.1 A autonomia do aluno frente à adversidade e a consolidação do espírito de equipe	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7 REFERÊNCIAS	57
8 BIBLIOGRAFIA	62

PREFÁCIO

O esporte, que sempre esteve presente na minha vida, teve - e ainda tem - um importante papel em meu processo de amadurecimento como pessoa. Na sua maior parte, através do futebol. Posso dizer que muito do que sou hoje foi vivenciado dentro ou no entorno das quatro linhas.

Para além da disciplina, do respeito e de todo aprendizado esportivo obtido durante esses mais de 15 anos, também tive a oportunidade de conhecer, de conviver e de me relacionar com pessoas das mais diferentes culturas, de classes sociais distintas, de diversas etnias, credos e crenças. Essa diversidade me permitiu ver o mundo para além da minha realidade, da minha bolha social. Multiplicidade que me deu a chance de desenvolver inúmeras habilidades de socialização e de convívio, abrindo-me os olhos para buscar o entendimento sobre o significado de pressão social e me oportunizando desenvolver um forte senso de empatia com pessoas que travam suas lutas diárias em busca de um futuro melhor.

Não segui a carreira esportiva, porém atribuo ao futebol uma grande parte dos mais importantes ensinamentos que a vida pôde me proporcionar. Tive muitos êxitos, assim como tive muitas derrotas. Em muitas situações chorei; em outras pude sorrir genuinamente. Suportei pressões que pensei não conseguir aguentar e lidei com o nervosismo de ter que argumentar com meus treinadores e demais superiores.

Tive a oportunidade de ser capitão. De motivar pessoas em prol de um mesmo objetivo. De fazê-las perceber que dedicar nosso tempo ao esporte é dedicar nossa vida ao esporte. Que o tempo é nosso bem mais precioso. Que cada segundo que passávamos treinando, buscando evoluir - suando, suportando as dores do esforço e da fadiga -, era um segundo a menos que tínhamos junto das pessoas que amamos. Abrir mão desses momentos - com nossa família e amigos - era uma perda. Uma perda que tinha de significar algo. E que esse significado era definido pelo tamanho da nossa entrega e comprometimento dentro de campo - independentemente do resultado.

Em Março de 2010, após receber um convite que melhoraria em muito as minhas perspectivas futuras dentro do esporte, tive a infelicidade de passar por um marcante e frustrante episódio de minha vida. Em uma manhã de Sábado, após levantar do sofá me deparei com uma estranha e intensa dor, que não apresentava

motivo aparente. Algumas horas depois, já no hospital, fui encaminhado para a sala de cirurgia. O diagnóstico: torção testicular.

Na ocasião, tiveram de remover um de meus testículos - devido ao tempo que demorou até que me atendessem. Agora imaginem vocês, um garoto de 15 anos que presenciava sua carreira se encaminhar para uma considerável alavancada em direção ao seu sonho e que, de forma abrupta, teve de abandonar a sua prática sem poder compreender muito bem os motivos. Tenho de dizer: não foi algo fácil de se lidar.

Na época não havia muito em quem me inspirar. E isto foi um fator agravante. É compreensível que as pessoas não queiram comunicar este tipo de lesão. Foi quando descobri Lance Armstrong: um ciclista multicampeão que também havia perdido um testículo e que mantinha sua carreira desportiva em alto nível. Porém, ainda que seja um ótimo exemplo a ser seguido, tratava-se de um praticante de esporte sem contato físico, sem interação com os adversários.

Já que não me incomodo em informar sobre esta minha condição e acreditando plenamente na importância da representatividade, compartilho esta informação com o intuito de que jovens - que possam a vir passar pelo que passei - saibam que é possível, sim, seguir jogando futebol nestas circunstâncias.

Após a cirurgia e afastado por seis meses dos gramados, passei por uma fase de assimilação do ocorrido. Ao mesmo tempo em que os médicos diziam que, biologicamente, não haveria prejuízos à minha saúde e funcionalidade, também foi um período de crises e de muitas incertezas.

Certezas eu tinha duas: a de querer seguir no esporte e a de querer ter filhos nessa vida. Um médico que me indicou que tentasse a carreira no Tênis, onde os riscos eram menores e a remuneração muito boa. Não me atrevi a dizer a ele que Futebol e Tênis não compartilham de muitas semelhanças - embora vontade não tenha faltado.

O processo foi longo e de muitas fases. Reiniciei a prática utilizando protetor genital, como aqueles que lutadores usam - e assim foi por um longo período. O momento inicial foi, de longe, o mais complicado. Retornei jogando diferente, bastante curvado e contraído - buscando evitar qualquer contato com a região. Reformulei toda a minha forma de jogar e percebi meu rendimento caindo drasticamente. As primeiras boladas foram momentos de muito pânico, todas superadas com sucesso.

Essa foi a minha grande frustração esportiva, minha grande derrota. Porém sou muito feliz e seguro em dizer que dela muito aprendi. Descobri em mim um poder de transformação e de resiliência em um nível inimaginável.

Superei essa frustração. Alguns anos depois tirei o protetor e retornei a jogar um bom futebol. Se foi tão bom quanto poderia, não saberemos. Mas perdi o medo de jogar; fiz grandes jogos; recebi elogios pela minha performance e potencial; fiz parte de qualificadas equipes; joguei contra jogadores reconhecidos mundialmente, como Arthur¹ e Pedro Rocha²; tive a experiência de atuar profissionalmente como desportista. E, por ter vivenciado essas pequenas conquistas, me considero agraciado por tudo que desfrutei desse capítulo da minha jornada e de todo aprendizado tirado dessas adversidades.

Paralelamente à minha vida esportiva, tocava a faculdade vagarosamente - cursava menos cadeiras que os demais e apenas em horários que permitissem que eu frequentasse todos os treinos. Durante este período tive o privilégio de ser, mesmo que por um breve período, colega de Gabriel Marques. Não éramos próximos, não criamos um vínculo significativo.

Pelo que me lembro, fomos colegas em duas disciplinas. Em uma delas fizemos um trabalho em grupo, onde tivemos a oportunidade de refletir um pouco sobre nossas vidas e de compartilhar algumas angústias. Descobrimos que elas se assemelhavam em muito até então, pois apesar de termos passado no vestibular em Educação Física, ainda não sentíamos muita segurança em dizer de que esta era a profissão que gostaríamos de exercer. Também descobrimos que ambos víamos a carreira de futebol ainda como uma possibilidade a ser seguida, mesmo que tendo noção das infinitas dificuldades. E não só isso, percebemos que já havíamos nos enfrentado em campeonatos escolares de futsal em oportunidades anteriores - ele pelo Colégio Militar e eu pelo Colégio Glória.

Gabriel faleceu³ no final de 2014. Estava esperando ônibus na parada onde muitos ônibus já esperei. Possivelmente aguardava pelo mesmo T11 pelo qual eu seguidamente aguardava. Nunca falei muito sobre isso abertamente. Na época fiquei bastante abalado, porém à distância. Não sabia muito bem como proceder. E embora não tivéssemos muita intimidade, a sua morte foi bastante sentida por mim.

¹ Volante do Barcelona e da Seleção Brasileira; Campeão da Libertadores 2017 pelo Grêmio; Maior venda do futebol Gaúcho.

² Atacante destaque no título da Copa do Brasil 2016; Segunda maior venda da história do Grêmio.

³ Reportagem disponível em: <<https://glo.bo/2WXY5Cl>>. Acesso em 22 de Junho de 2019.

Tínhamos a mesma idade, as mesmas vontades, as mesmas aspirações, os mesmos sonhos, cursávamos o mesmo curso. Ele era um rapaz de fácil acesso, comunicativo e que tinha uma vida acadêmica tão boa quanto seu desempenho físico e esportivo. Basicamente um Felipe que vinha de outro colégio, de outro espaço.

Gabriel tem seu legado perpetuado⁴ por todos seus familiares e amigos, assim como também deixou uma boa herança a diversas outras pessoas que nem imaginara que pudesse atingir. Naquela época, devido à nossa não tão grande proximidade, optei por guardar para mim esse baque sentido. Tratava-se de uma vida muito semelhante à minha brutalmente interrompida.

De repente, meus problemas - que pareciam insolucionáveis - tornaram-se insignificantes. Este episódio fez-me refletir de maneira redobrada quanto às minhas atitudes e escolhas. Permitiu-me perceber que não há sofrimento que não se cure. Fez-me compreender que por maior que seja a perda, sempre há um aprendizado a se tirar. E sou eternamente grato pelo ensinamento que Gabriel me proporcionou, ainda que eu gostaria que não fosse a tão alto preço.

Em razão de todos esses acontecimentos, carrego comigo a seguinte frase: “Se você perde e não aprende nada com a sua derrota, você foi derrotado duas vezes”. Por derrotas se entenda qualquer perda, baque ou frustração - seja no esporte, seja na vida. Embora não me recorde de sua autoria, nesta frase muito me inspirei para seguir em frente.

Este trabalho diz muito sobre a relação entre a minha vida e o quanto eu aprendi no esporte - e com o esporte. Também representa todo meu processo de identificação com o curso de Educação Física, bem como manifesta o quanto todo esse processo me proporcionou refletir e amadurecer como indivíduo.

Durante a disciplina de Pesquisa I, o professor Adroaldo Gaya foi bem claro ao nos dizer que escolhêssemos um tema sobre o qual tivéssemos prazer em escrever e falar sobre. Seguindo este conselho, optei por discursar sobre a importância da derrota e das perdas, sobre valores e pessoas.

Tratava-se de um assunto que estava seguidamente presente em minhas reflexões - até por isso me via na necessidade de expô-lo. Entretanto, pelo alto nível de complexidade, quase acabei por desistir de abordá-lo devido à tamanha

⁴ Reportagem disponível em: <<https://bit.ly/2Y18Dx7>>. Acesso em 23 de Junho de 2019.

dificuldade que encontrei em sistematizá-lo. Ao constatar a baixíssima realização de trabalhos acadêmicos sobre o tema, decidi tratar deste assunto que aparenta não atrair o interesse de uma boa parcela dos profissionais de nossa área. Este desafio me encorajou a seguir adiante com a proposta inicial.

Dessa forma, a motivação para realização deste estudo emerge da reflexão de quem vivenciou e usufruiu dos aspectos positivos - e, também, dos negativos - proporcionados pelas perdas e pelas derrotas, e que as compreende como uma importante ferramenta de transformação pessoal e social.

1 INTRODUÇÃO

Em muitos casos, sem nem perceber, as pessoas entram em um ciclo vicioso de frustrações e, tomadas por este sentimento, acabam não sabendo como lidar com a situação - estagnando sua evolução, sua aprendizagem. Isto muito se deve ao fato de que tanto no esporte, como na vida, as pessoas correm desenfreada e desesperadamente atrás do sucesso, não dedicando o devido tempo para refletir sobre seus insucessos.

O vencer e o perder constituem o drama esportivo: o primeiro nos arrebatava com uma euforia desmedida; já a derrota nos toma trazendo consigo uma tristeza que aparenta ser irreparável. A forma como lidamos com cada uma destas situações pode revelar muito sobre nós mesmos.

No esporte ou na vida cotidiana, não muito raramente, a obsessão por ganhar nos impulsiona a uma tentativa de ganhar a qualquer custo e, por consequência, acaba nos impedindo de contemplar e desfrutar das inúmeras oportunidades de enriquecimento humano que a prática desportiva tem a nos proporcionar, independente do seu resultado.

Derrotas são amargas, porém é necessário visualizá-las e compreendê-las como ricas oportunidades de aprendizagem. Momentos de adversidade, como aqueles em que perdemos, têm o poder de ensinar as pessoas a vencerem de forma humilde e a se tornarem vitoriosos dignos - que reconhecem os esforços dos adversários e não dão margem para o deboche. A humildade e a apreciação saudável pela vitória podem e devem ser aprendidas - e/ou aprimoradas - através de momentos adversos. Aponte para uma pessoa com essas qualidades e você estará apontando para uma pessoa com melhores chances de ser bem sucedida na vida.

Do ponto de vista educacional, deve-se valorizar e se mensurar o resultado não pelo número de vitórias, pontos marcados ou dribles aplicados, mas pela evolução da equipe e/ou do atleta entre o período inicial e final de intervenção. Para alguns professores, o que importa é o maior número de vitórias. Para outros - a exemplo do Treinador-filósofo - o mais gratificante é fazer com que uma equipe ou um atleta evoluam, mesmo que acumulando uma série de derrotas.

Em uma sociedade que enaltece a quantidade de conquistas e grandes realizações, como o sucesso é encontrado através da derrota? Quais os dilemas encontrados a partir desta questão? Que reflexões devemos realizar a partir de seu

surgimento? O que podemos aprender com tais experiências? Estas interrogações são, seguramente, produto de uma vasta quantidade de variáveis que interferem, com maior ou menor peso, no entendimento social da derrota, na forma como a encaramos no campo do esporte e suas implicações na vida comum.

A partir de uma revisão na literatura e de reflexões filosóficas, a intenção deste trabalho é o de procurar responder estas perguntas, buscando formular uma comparação entre um entendimento ideal de derrota e o seu entendimento vigente em nossa sociedade. Da mesma maneira que se pretende destacar a importância de abordarmos este tema junto da prática pedagógica, no mundo da Educação.

Este trabalho tem a intenção de fomentar a realização de novos estudos acerca deste tema - que apresenta um acervo bastante carente. Estima-se que as informações e reflexões contidas nesta revisão possam contribuir na formação de professores e treinadores, de modo que compreendam - e também possam ensinar seus alunos - que vencer não é o mais importante e que a derrota pode nos fornecer ricas oportunidades de aprendizagem.

2 METODOLOGIA

Frente à carência de trabalhos acadêmicos que refletem sobre a importância educacional da derrota, mostrou-se necessária a atualização e aquisição de novos conhecimentos acerca deste tema.

Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo realizado na forma de Revisão Narrativa - adequada para discutir e fundamentar o estado da arte de determinado assunto (ROTHER, 2007), assim como propícia para reunir em um só documento os diversos achados produzidos até então, evidenciando novas ideias e perspectivas (NORONHA; FERREIRA, 2000).

Por se tratar de uma fundamentação do estado da arte, este trabalho assume um caráter filosófico, pois, apesar de apresentar conhecimento racional (em virtude de consistir num conjunto de enunciados logicamente correlacionados) e sistemático (já que suas hipóteses e enunciados visam a uma representação coerente e consistente da realidade estudada), suas hipóteses não são passíveis à experimentação, o que o torna um conhecimento não-verificável, diferentemente do conhecimento científico, que abrange fatos concretos e verificáveis (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Este tipo de revisão é constituída por uma investigação ampla da literatura, sem necessidade de se estabelecer uma metodologia rigorosa e replicável; a busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações; não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas, dando espaço para a interpretação e análise crítica pessoal do autor (ROTHER, 2007). Essa síntese de conhecimentos, a partir do detalhamento de temas abrangentes, favorece a identificação de lacunas a serem evidenciadas e tomadas como ponto de partida para pesquisas subsequentes.

A pesquisa foi feita a partir de bibliografia composta por livros, teses e artigos de revistas impressas e eletrônicas. Para responder às questões norteadoras, foram acessados e utilizados os seguintes buscadores: Portal de Periódicos CAPES, a Biblioteca Virtual SciELO - *Scientific Electronic Library Online* -, a *EBSCO Discovery Service (EDS)* e o Google Acadêmico.

Os *Strings* de busca (palavras-chave) pesquisados na filtragem da pesquisa foram: "Sport Defeat", "Sport Losing", "Defeat AND Education", "Derrota AND Educação".

Após a leitura e seleção dos achados, o material foi organizado e subdividido em dois capítulos: “A derrota em nossa sociedade: entre o real e o ideal”; e “Derrota e educação: uma proposta a partir do desporto”.

Em um segundo momento, tendo em vista a sua ligação direta com o tema, é apresentada uma análise - norteadas e embasadas pelas informações reunidas e formuladas pela revisão - do filme “*Coach Carter - Treino Para a Vida*” (2005), dirigido por Thomas Carter e produzido pela *Paramount Pictures*.

3 A DERROTA EM NOSSA SOCIEDADE: ENTRE O REAL E O IDEAL

A etimologia da palavra “derrota” tem duas origens de significados distintos. Em francês a palavra “derrota” deriva do verbo “*dérouter*” que, em tradução literal, significa “desconcertar”; é um termo bélico utilizado para indicar um desbarato de tropas, destruir/destroçar militarmente, fazer fugir, derrotar/vencer. Porém, em Latim a palavra “derrota” provém de “*dirupta*” que significa “caminho aberto”, um “caminho aberto rompendo os obstáculos”⁵.

Tendo isso em vista, é preciso que a derrota seja compreendida de uma forma mais ampla: como parte do percurso; como parte do caminho. Assim como sugere Barão Pierre de Coubertin, o fundador do movimento olímpico moderno: “O que importa nos Jogos Olímpicos não é vencer, e sim participar; o que importa na vida não é o triunfo, e sim a luta” (*apud* COUSINEAU, 2004, p. 37).

Neste contexto, tanto “luta” como “caminho” possuem um significado que indica uma sequência de acontecimentos. Tais acontecimentos muito têm a ensinar, visto que enquanto percorridos e vivenciados as pessoas podem experimentar os mais diversos sentimentos; assim como também podem promover importantíssimas reflexões - sobre todo o trajeto, sobre os resultados atingidos e sobre cada escolha tomada.

Na visão de Wooden (*apud* COUSINEAU, 2004, p. 235), a pergunta certa a ser feita, tanto no esporte quanto na vida é: “Dei o melhor de mim? É isso que importa. O resto só atrapalha”.

No desporto, assim como na vida comum, a obsessão por ganhar acaba nos impelindo à tentativa de ganhar a qualquer custo e, por outra via, nos impede de contemplar as inúmeras oportunidades de enriquecimento humano que a prática desportiva nos proporciona, independente do resultado (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 542).

Stigger (2009, p. 76) - ao estabelecer relações entre lazer, cultura e educação - aponta que nossa sociedade vê o lazer como “uma dimensão da vida entre parênteses, ou seja, separada de outras esferas da existência dos indivíduos”, como se fosse algo à parte em relação à vida cotidiana.

⁵ Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Por Antônio Geraldo da Cunha. Editora Lexikon. 4ª Edição. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2XO8Mnq>> Acesso em 12 de Novembro de 2018.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos considerar que a derrota também pode ser encarada como “uma dimensão da vida entre parênteses”, uma vez que é algo que preferimos deixar à parte no que tange a nossas histórias e experiências; algo que preferimos deixar escondido, senão esquecido.

Rubio (2006, p. 88) afirma que “a derrota é a sombra social do esporte contemporâneo” e que esta dificuldade que as pessoas têm em lidar com a derrota talvez resida na posição que esta condição assumiu em nossa cultura, fixada em um padrão de rendimento-premiação que vai muito além dos ganhos materiais, mas que busca o reconhecimento de um feito que garanta a imortalidade.

É possível perceber em nossa sociedade um forte temor frente à derrota. O medo de falhar e de colocar tudo a perder, muitas vezes, nos consome de forma tão cruel que o pensamento de desistir ou de se buscar a vitória a qualquer custo surgem como parecendo as melhores alternativas a se seguir. Uma vez que, no “ideal da sociedade atual, o vencedor é lembrado e valorizado pela suplantação do outro, independentemente dos recursos utilizados para esse fim” (RUBIO, 2002 *apud* RUBIO 2006, p. 88) - isso se deve ao fato de as pessoas buscarem evitar a iminente humilhação advinda das derrotas.

Ao derrotado restam a vergonha pelo objetivo perdido, a confusão com a incapacidade e a falta de reconhecimento pelo esforço realizado. Diante do resultado obtido e comparando-o com o desejado, é compreensível o sentimento de frustração, raiva ou talvez decepção do atleta quando ele não consegue atingir seu objetivo (RUBIO, 2006. p. 88).

Pode-se dizer que isto é reflexo direto da forma como a sociedade vem se comportando diante das vivências desportivas. Segundo Rubio (2006, p. 86), na antiguidade competia-se buscando a superação dos próprios limites. Ou seja, a busca pela vitória não estava fundamentada na derrota do adversário e sim em tornar-se a melhor versão de si mesmo. Segundo a autora (2006, p. 86): “A vitória sobre o adversário era uma decorrência desse processo. Para a sociedade grega helênica os vitoriosos seriam todos aqueles que superassem seus limites, físicos e morais”.

Entretanto Rubio (2006) também evidencia que atualmente, diferente de como era na Grécia antiga, os grandes feitos são simbolizados pela conquista da primeira colocação - ou pela quebra de recordes. Isto é, a meta a ser alcançada deixou de

ser a superação dos próprios limites para se tornar a superação do resultado do adversário.

Nessa concepção, a participação deixa de ser importante e a melhor *performance* passa a ser desejada - em decorrência de o prestígio estar diretamente ligado ao reconhecimento social e ao dinheiro.

Você vê um atleta lamentando por ter chegado em segundo lugar porque ele sabe que isto vai lhe custar patrocínios. Competir pelo ouro tornou-se praticamente sinônimo de correr pela grana (WOODEN, 1997 *apud* COUSINEAU, 2004, p. 234).

Em razão disso, qualquer outro resultado - que não a vitória - passou a ser menosprezado. As medalhas de prata e bronze, por exemplo, deixaram de ser distinções para se tornarem prêmios de consolação ou de vergonha. As demais colocações nem sequer são citadas em anais e enciclopédias, sepultando uma das máximas do Olimpismo⁶ de que o importante é participar (RUBIO, 2006).

Aquilo que era uma competição desportiva passou também a ser uma competição para além dos estádios, onde os resultados que importam não são só os desportivos, mas, sim, os do negócio (MONTEIRO, 2016, p. 37).

Sabendo que a competição faz parte do convívio coletivo e que “em todos os eventos competitivos existem vencedores e perdedores” (SITES, 2007), é coerente afirmar que estas situações irão se mostrar presentes de diversas maneiras na vida das pessoas - seja no esporte, em uma entrevista de emprego, em concursos vestibulares ou, até mesmo, em corridas eleitorais. Para ilustrar este cenário - compreendendo o campo político como uma importante e representativa esfera da vida das pessoas e de nossa sociedade - é possível observar a competição fazendo-se claramente presente, até mesmo, na forma como a política é feita em nosso país, uma vez que o Congresso Nacional Brasileiro consiste em um espaço onde diferentes representantes públicos defendem e brigam pelos interesses de seus eleitores. Assim sendo, o ganhar e o perder também fazem parte da democracia, do jogo democrático. Afinal, “a própria democracia constitui, da forma como a conhecemos, uma prática de resolução de conflitos e interesses divergentes” (AVRITZER, 1995, *on-line*).

⁶ Segundo os princípios fundamentais dos jogos olímpicos assegurados pela Carta Olímpica (2001, p. 8). Disponível em <<https://bit.ly/2WSmsBp>.> Acesso em 28 de Janeiro de 2019.

Vasconcelos-Raposo (2012, p. 2) considera que nos dias de hoje vivemos em um período de crise - que transcende um contexto associado apenas ao setor financeiro - “implantada no domínio dos valores humanos, tão esquecidos pela classe política que se instalou nas cadeiras do poder”. Esta crise de valores apontada pelo autor pode estar indicando o porquê de nossa população não saber competir civilizadamente. Muitos, não contentes com o resultado favorável, manifestam-se de maneira impiedosa ao vencer, sentindo-se no direito de humilhar e ofender os derrotados. Enquanto que ao perder, acabam por utilizar dos subterfúgios que estiverem ao seu alcance - sejam lícitos ou não - para recorrer e buscar a vitória a qualquer custo, não se permitindo aceitar de forma honrosa as suas derrotas. Assim sendo, uma grande parcela de nossos políticos estão desertando de sua condição humana, uma vez que não estão empreendendo - dia após dia - a nobre tarefa de fazerem algo para o seu aperfeiçoamento ou para melhorar a relação com seus pares em uma busca para elevar toda a sua comunidade (IBAÑEZ, 1976 *apud* MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 551). Como bem nos lembra Leandro Karnal (*apud* MORESQUI E ANSELMO, 2016, p. 5): “não existe país no mundo em que o governo seja corrupto e a população honesta e vice-versa”. Em outras palavras, que um país terá seus representantes à imagem de seu povo. Ou como também argumenta Cousineau (2003, p. 20): “se você quiser conhecer a alma de um povo, observe seu comportamento coletivo, observe como ele joga, preste atenção à forma como ele compete”.

A vitória pode trazer poder, status, reconhecimento; mas, se estes forem usados sem sabedoria, o atleta, o político e o artista podem encontrar, ao invés de felicidade, desventura. [...] devemos, diante da vitória e da derrota, adotar uma atitude de simplicidade e de serenidade (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 545).

Visualiza-se assim, uma cultura de maus competidores, que é possível ser percebida tanto no esporte, como em nosso dia a dia. Afinal, “o desporto é um espaço no qual se perfila uma constelação de valores que faz parte da própria essência humana no viver e no conviver” (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 561).

Uma vez que as pessoas não aceitem lidar com suas derrotas, também não se permitem aprender a lidar e refletir com seus erros. O que acaba por desencadear o fenômeno da “culpabilização do outro”, onde todo erro cometido pela

sua parte é atribuído àqueles que divergem das suas ideias - com a intenção de isentar-se de suas falhas e de suas responsabilidades.

O atual cenário político em que nos encontramos pode ser visto como resultado de uma série de conflitos e disputas em que os diferentes lados não souberam competir - ganhar e perder - da maneira adequada. O que, não por acaso, configura um atraso em nosso país. Um retardamento que incide muito mais do que apenas em nossa condição econômica. Trata-se de um atraso de nossa condição como seres humanos.

Não se faz desenvolvimento socioeconômico sem que este seja acompanhado de mudanças na mentalidade das pessoas e isto implica um processo de aprendizagem de novos valores, de modo a que as pessoas possam adaptar-se convenientemente ao novo tipo de exigências do sistema sociocultural que se pretende construir num mundo que é, cada vez mais, global (VASCONCELOS-RAPOSO, 2012, p. 2).

Podemos testemunhar esta cultura dos “maus-competidores” em momentos comuns do nosso cotidiano. É cada vez mais frequente deparar-se, por exemplo, com discussões e debates que precipitadamente tornam-se brigas acirradas. E, em razão de cada vez menos se buscar respeitar àqueles que apresentam um pensamento distinto, terminam por se encaminhar a um confronto infantil e sem fundamento.

O diálogo com visões distintas e com teses concorrentes só raramente chega a ocorrer; a argumentação é considerada supérflua na ausência de um dissenso reconhecido e considerado legítimo (LIMA, 2005, p. 71).

Nestes embates, nitidamente, percebe-se que a única coisa que importa para as pessoas é que estejam certas - ou, ao menos, que pareçam estar certas - custe o que custar. Reproduzindo a concepção de que é necessário vencer a qualquer custo; estar certo a qualquer custo. Perpetuando a cultura dos maus-competidores.

Brohm (1993, 1995 *apud* RUBIO, 2006) avalia que instituições esportivas absorvem uma boa parte das tendências mortíferas e suicidárias dos indivíduos de uma sociedade em crise prolongada, uma crise que é ao mesmo tempo econômica, espiritual e ideológica. O que perpetua a lógica de valorização extrema do resultado esportivo - construção ideológica fomentada a partir de um impacto midiático. Essa violência suicidária, que se manifesta de diversas maneiras, advém de uma mesma

matriz axiológica e praxeológica: a competição de todos contra todos, a busca infinita pelo recorde, a busca incessante da superação de limites, o culto do excesso, o fetichismo do progresso de performances e a idolatria do êxito a qualquer preço.

Os valores promovidos por uma grande parcela da sociedade ocidental contemporânea estão baseados na excelência e na motivação individual e social voltadas para a produção. Essa forma de vida facilita o desenvolvimento de um modelo esportivo que prepara crianças e jovens para o sucesso em uma vida altamente competitiva e desenvolve valores morais como a perseverança, o sacrifício, o trabalho árduo, o cumprimento de normas, o trabalho em equipe e a autodisciplina. Entretanto, esses mesmos valores são responsáveis por muitos problemas éticos encontrados no esporte, entre eles a glorificação dos vencedores e o esquecimento dos derrotados (RUBIO, 2006, p. 88).

Na esfera esportiva, isso tem levado a uma desumanização do atleta e à sua alienação (Bourdieu, 1993; Eitzen, 2001; Gonzalez, 1997 *apud* RUBIO, 2006, p. 88). Para Vasconcelos-Raposo (2012, p. 6):

As pessoas procuram ter mais e melhor. Porém esta procura de se ter "cada vez mais" deverá alicerçar-se na aceitação de valores básicos e que deverão ser preservados, através da reprodução cultural, de modo a salvaguardar a integridade sociocultural dos sistemas em que nos inserimos.

Ou seja, para que se tenha o algo a mais é necessário que não se abra mão de valores básicos. O que, muito possivelmente, signifique uma quebra do padrão de se vencer a qualquer custo, pois para se vencer será necessário respeitar o outro. Permitindo assim, que possamos empreender a nobre tarefa de se fazer alguma coisa ou para aperfeiçoamento próprio, ou para melhorar a relação entre os pares - em uma busca de se elevar toda a nossa comunidade (IBAÑEZ, 1976 *apud* MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 551). Bem como permitirá com que tentemos nos tornar a melhor versão de nós mesmos, ideal do Olimpismo sustentado fortemente na Grécia Antiga. Neste caminho, talvez seja possível retomar o princípio de a participação ser o que mais importa e, a partir daí, seja viável encarar as derrotas e refletir sobre elas de maneira digna - fazendo com que deixem de ser "uma dimensão da vida entre parênteses" (STIGGER, 2009, p. 76) ou uma "sombra social" (RUBIO, 2006, p. 88).

O desporto é uma manifestação de interdependência dos planos individual e coletivo; é uma estrutura que, por sua natureza, atribui

sentido, significado e valor às diferentes manifestações humanas, e cuja essência é o rico manancial simbólico em que, no contexto, se expressa uma educação para a vida (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 564).

Assim sendo, os esportes parecem ser um excelente meio de se educar em valores, com um intuito de se alcançar uma sociedade melhor e mais justa (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 551), onde as pessoas deixem de lado o pensamento de “vencer a qualquer custo” que prevalece atualmente (RUBIO, 2006, p. 91), podendo, assim, aceitar e refletir de forma mais serena e crítica quanto aos seus insucessos - não deixando que estas situações as definam, mas que as vejam como um caminho que proporciona um valioso aprendizado. Afinal, como bem nos lembra o Barão de Coubertin: na vida, o que importa é lutar; e não o triunfar.

3.1 Mais que uma medalhista de ouro, uma campeã Olímpica

Maurren Maggi, medalhista de ouro em Salto em Distância nos Jogos Olímpicos de 2008 - celebrados em Pequim - proferiu a seguinte mensagem:

Acreditar quando todos desconfiam. Continuar mesmo quando não tiver mais forças. Persistir quando tudo parecer perdido. Levantar-se quantas vezes forem necessárias. Superar-se a cada dia, a cada prova, a cada lesão e a cada problema fora das pistas. Vencer. Essa é a minha vida, esse é o meu ideal (*apud* BENINI, 2013, p. 210).

É possível perceber que, apesar de se enquadrar no perfil do vencedor contemporâneo - por ter se consagrado a melhor do mundo e ter superado suas adversárias (RUBIO, 2002 *apud* RUBIO 2006, p. 88) -, Maurren considera que vencer é muito mais do que isso; vencer vai além da conquista de uma medalha. Para ela, o importante é superar-se a cada dia, a cada adversidade. Mesmo quando tudo parecer perdido.

Ela não só almeja ser a melhor versão de si mesma - atingindo, assim, o entendimento do que era ser um vencedor na sociedade helênica (RUBIO, 2006, p. 86) -, como também identifica que o mais importante é a própria luta e não apenas o triunfo - compreendendo a máxima do Olimpismo (COUBERTIN *apud* COUSINEAU, 2004, p. 37). Os dizeres de Maurren são indícios de que ela pode vir a ser muito mais do que apenas uma medalhista de ouro e, sim, uma verdadeira campeã Olímpica.

Sua fala evidencia o maior aprendizado que a derrota tem a nos ensinar, o de transformar cada situação adversa em combustível para seguir adiante e se refazer melhor. Maurren, diante de cada revés não se permitiu ser derrotada por uma segunda vez; de cada uma destas situações tirou um aprendizado que a permitiu se refazer melhor e mais forte. Ou seja, não se deixou cegar pela obsessão de ganhar a qualquer custo e se permitiu contemplar as inúmeras oportunidades de enriquecimento humano que a prática desportiva nos proporciona, independente do resultado (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014. p. 542).

Em 2004, Maurren acabou sendo desqualificada dos Jogos Olímpicos de Atenas, não sendo permitida competir por causa de um doping constatado que se deu em razão de um creme estético. Neste momento Maurren poderia ter desistido. Porém não se deixou abater com a situação. Seguiu preparando-se. E, quatro anos depois, desfrutou de toda a glória que seu título pode proporcionar.

3.2 Rodrigo Caio: admiração ou estranheza coletiva?

Durante uma partida válida pelo Campeonato Paulista de 2017, Rodrigo Caio - que na época era zagueiro do São Paulo - protagonizou um episódio que repercutiu bastante na mídia, atingindo fortemente as rodas de conversa daqueles que acompanham o esporte.

Após uma disputa de bola entre ele, o goleiro de seu time e o atacante Jô, o árbitro puniu o atacante do Corinthians com um cartão amarelo por uma suposta colisão entre ele e o arqueiro do São Paulo.

Entretanto, foi Rodrigo Caio quem colidiu com seu companheiro de equipe e, percebendo o equívoco do árbitro, decidiu por assumir a responsabilidade do ocorrido. O árbitro optou por voltar atrás e retirar o cartão amarelo de Jô que, em razão da punição, ficaria suspenso na partida seguinte.

Tratava-se de um clássico: São Paulo contra Corinthians. O tipo de partida em que se espera muita truculência e malícia por parte dos jogadores para que superem os adversários. É possível que - muito em razão do comportamento que se esperava dos jogadores - este seja o motivo para que a atitude de Rodrigo Caio tenha chamado tanto a atenção.

Jô, que seria prejudicado injustamente, elogiou o zagueiro publicamente. Assim como fez o presidente do Corinthians, Roberto de Andrade, que aproveitou também para ressaltar a postura do árbitro diante da situação:

Excelente. Acho que isso enaltece o caráter. A gente sabia do caráter dele, não precisava disso para saber. O futebol se engrandece com essas atitudes. E não podemos esquecer do árbitro, que teve a humildade de voltar atrás e retirar o cartão amarelo do Jô. Parabéns aos dois.⁷

Basicamente todos os veículos midiáticos elogiaram a atitude de Rodrigo Caio. O que nos leva a uma série de reflexões. Segundo o presidente do Corinthians, esta é uma atitude que engrandece o futebol. Entretanto, este tipo de atitude pode elevar muito mais do que apenas o futebol, uma vez que, Voser (2014, p. 32) nos indica que:

A ética do desporto é parte de uma problemática que abrange todos os domínios da atividade humana. De certo modo, postula o retorno às origens da prática desportiva e ao espírito que tinha em suas características a lealdade, o fair play, a justiça, a igualdade de oportunidade, o respeito pela pessoa do adversário.

Rodrigo Caio, por sua vez, ao ser entrevistado disse o seguinte: "Não fiz nada demais, fiz só o que deveria fazer". O que nos leva a refletir sobre nossa condição como sociedade. Se esta atitude fosse comum, não haveria necessidade de exaltá-la quando presenciada. Portanto, de certa forma, achamos este comportamento diferenciado e admirável evidencia que ele foge do comum - o que explicita um atraso de nosso povo.

Este atraso é evidenciado por Vasconcelos-Raposo (2012, p. 2), ao alegar que um país não se desenvolve sem que sejam feitas mudanças na mentalidade da população - e que isto implica um processo de aprendizagem de novos valores - de modo que as pessoas possam se adaptar às exigências de um novo sistema sociocultural que se pretenda construir no mundo.

Não devemos deixar de exaltar tais atitudes quando acontecem. Porém, se as achamos tão belas e exemplares quando as vemos, porque não as tornar como uma referência de comportamento que norteie nossa conduta e nossos princípios? É

⁷ Em entrevista ao Globo Esporte. Disponível em: <<https://glo.bo/2J20Jx8>>. Acesso em 07 de Março 2019.

necessário promover uma transformação em nossa forma de compreender estas situações.

Se estas oportunidades de aprendizado e de reflexão se mostram presentes tanto nos esportes, como na sociedade, porque não nos utilizarmos do próprio esporte para ensinar tais conhecimentos, desde a infância? As aulas de Educação Física escolar parecem ser um espaço bastante propício para se impulsionar tais saberes.

4 DERROTA E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO DESPORTO

4.1 O esporte como ferramenta humanitária

Constituindo-se como um dos mais notáveis fenômenos da atualidade, o esporte tem em seu âmago uma série de conhecimentos, valores e saberes que são construídos de acordo com a cultura dos indivíduos, das realidades e dos cenários em que ele acontece (JUCHEM, 2015, p.18).

O esporte é um importante instrumento de educação de crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo em que é difundido, cresce na sociedade o reconhecimento do caráter pedagógico do jogo e da prática esportiva como meio de educação dos jovens, fatores estes que contribuíram para a sua difusão nas escolas e demais instituições educacionais (KORSAKAS, 2009 *apud* JUCHEM, 2015, p.18).

Enquanto elemento socializador, o esporte pode vir a ser uma importante fonte de valores orientadores das atitudes dos praticantes - sejam elas positivas ou, até mesmo, negativas (KIRST, 2009, p. 22).

Os esportes – bem como tantas outras atividades de enfrentamento - têm o poder de simular, em espaço controlado, diversas situações (conflitos, dificuldades e sentimentos) que também são vivenciadas em nosso cotidiano, na nossa vida em sociedade.

O desporto é um espaço no qual se perfila uma constelação de valores que faz parte da própria essência humana no viver e no conviver, atributos sem os quais não seria possível a própria humanidade (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 561).

Ainda segundo estes autores (2014, p. 564) “falar sobre o desporto é refletir sobre o homem e a sua existência”. Huizinga (1980), em *Homo Ludens*, reforça este pensamento alegando que o jogo puro e simples é o princípio vital de toda a civilização (p. 72), é uma função da vida (p. 5).

Assim como ressaltam Sommerhalder e Alves (2011, p. 20), ainda quando criança, o ser humano brinca de médico, na tentativa de compreender a realidade, se utilizando do espaço de jogo para experimentar, descobrir, criar e recriar experiências e saberes sobre si próprio e sobre o mundo que o cerca.

Para Caillois (1990) o jogo é uma das “molas principais do desenvolvimento das mais altas manifestações culturais em cada sociedade e da educação moral e do progresso intelectual dos indivíduos” (p. 9). Ainda segundo o autor o jogo

“introduz o indivíduo na vida, no seu todo, aumentando-lhe as capacidades para ultrapassar os obstáculos ou para fazer face às dificuldades” (p.16).

Lucas, Pereira e Monteiro (2012) referem que tem sido um consenso a ideia de que o esporte é um importante instrumento para o desenvolvimento psicossocial das crianças e jovens; consideram, ainda, que a Educação Física e o esporte escolar são meios privilegiados de educar a vontade, fator muito importante na tomada de decisões, na formação das atitudes e dos comportamentos proativos. A escola se constitui em um espaço de extrema importância para que as crianças possam ter contato com o esporte e a atividade física, procurando assim, melhorar o seu nível de competências físico-motoras e de socialização, o que possui implicações na dimensão psicológica da construção da personalidade (*apud* JUCHEM, 2015, p. 15).

Levando em consideração as ideias apresentadas, fica evidente um imenso potencial pedagógico que os jogos e os esportes têm a oferecer. Entretanto, Voser (2014, p. 34) alega que “para que o desporto possa assumir as funções prescritas nos seus princípios, não basta torná-lo tecnicamente mais perfeito; é preciso torná-lo mais humano”. O autor ainda complementa:

É sabido que o desporto é um dos mais poderosos instrumentos de cultura e intercâmbio, de conhecimento e de convívio entre os povos. Para tanto, ele deve ser tratado como fenômeno ético (VOSER, 2014, p. 34).

Esta colocação vai ao encontro da proposta apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) que prevê a Educação Física como um componente curricular onde os alunos não apenas aprimorem seus conhecimentos técnicos ou táticos, mas que também busquem se tornar seres críticos e questionadores - para que, a partir destas atividades, atinjam sua autonomia e possam transformar o meio em que vivem.

4.2 Educação Física como Linguagem

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) é o documento normativo vigente que rege o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica; assim como tem a função de balizar a qualidade da Educação no País.

A Educação Física, conforme a BNCC, é pertencente à Área das Linguagens, não somente pelo fato de o corpo ter o poder de comunicar e expressar sentimentos,

como também por possibilitar que os alunos possam fazer leituras de mundo; leituras de situações vivenciadas ao seu redor. Neste caso, linguagem não apenas comunica como produz sentido.

A linguagem é considerada aqui como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido (BRASIL, 2000, p. 19 *apud* FONSECA et al., 2015, p. 111).

Para Ghiraldelli Jr. (1998) a Educação Física sempre foi articulada como uma estratégia para estabelecer um ideal e um modo de vida (*apud* FONSECA et al., 2015, p. 116). Sendo assim, sua inclusão na Área das Linguagens - à medida que auxilia no estabelecimento de trabalhos interdisciplinares e que ressalta que o corpo é uma linguagem - também é parte de um ideário social (FONSECA et al., 2015, p. 116).

Aprovado em 1998, o Parecer da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) já ressaltava que um dos desafios para os educadores seria o de “trabalhar as linguagens não apenas como formas de expressão e comunicação, mas como constituidoras de significados, conhecimentos e valores” (BRASIL, 1998, p. 28 *apud* FONSECA et al., 2015, p. 110). Dessa forma, é preciso que os estudantes sejam incentivados a compreender muito mais do que os conteúdos apresentados; mas que tomem consciência e compreendam a realidade que os cerca - possibilitando, assim, que possam fazer leituras de mundo.

Talvez a pretensão agora, inseridos num modo de vida neoliberal, seja o de criar sujeitos que saibam se articular entre si, trabalhar em conjunto e que aprendam a realizar outros modos de ler e de estar neste mundo. (FONSECA et al., 2015, p.116)

Para o Ensino Médio, a última etapa da Educação Básica, a BNCC prevê que cabe às escolas proporcionarem experiências e processos que garantam ao aluno as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas (BRASIL, 2018, p. 463).

O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores –

e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo (BRASIL, 2018, p. 463).

Tendo em vista o dever de as escolas formarem seres críticos, responsáveis e munidos de uma autonomia que lhes permita transformar seus meios de convívio; e compreendendo que o desporto “é uma das vias e a anunciação daquilo que pode libertar os homens e dar-lhes autonomia” (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 547), bem como é “um meio de educação; um meio de educar em valores” (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 563), constata-se uma possibilidade de transformação social a partir do esporte, principalmente no que diz respeito à nossa atual compreensão de sucesso e à forma como encaramos a derrota. É preciso quebrar o paradigma que adere à derrota uma conotação negativa - o que contribui fortemente para concepção de que se deve ganhar a qualquer custo. Monteiro, Brauner e Lopes Filho (2014) evocam a ideia de que o esporte é mais que uma luta desenfreada pela vitória; é uma metáfora da própria vida.

Para que a sociedade - como um todo - obtenha este entendimento, é necessário proporcionar aos jovens novas formas de leitura de mundo, de se ler e de se ressignificar o sentido das derrotas. As aulas de Educação Física, portanto, parecem ser o ambiente mais propício para desenvolvimento de tais conhecimentos, uma vez que neste espaço é possível que sejam desenvolvidas inúmeras reflexões a partir das situações e sentimentos vivenciados a partir das práticas esportivas.

4.3 A problemática da competição

Para podermos visualizar o desporto como um completo instrumento pedagógico e compreendermos a derrota como uma ferramenta emancipatória, faz-se necessário uma contextualização dos atuais conflitos no que diz respeito à competição no ambiente escolar.

Este tema vem sendo o centro de acalorados debates polarizados entre os favoráveis e os contrários à sua aplicação em ambientes educacionais. Bem como ressaltam Reverdito, Scaglia e Paes (2013 *apud* JUCHEM, 2015, p. 15):

Ao avaliar-se a base teórica das práticas e intervenções no âmbito do esporte, percebe-se que alguns pontos importantes ainda precisam ser tratados com maior profundidade, entre eles a competição esportiva.

Reverdito *et al.* (2008) compreendem que esta divergência e a impossibilidade de diálogo, ocorrem devido a dois fatores: o primeiro deles se dá em razão da pouca importância dada ao tema, considerando-se o reduzido número de obras que discutem a competição esportiva escolar; e o segundo diz respeito ao campo da Pedagogia do Esporte, dentro do qual, por maior que tenha sido o avanço nos estudos sobre as principais abordagens de ensino do esporte na escola, são poucos os autores que se dedicam ao tema da competição escolar.

As investigações científicas e a interpretação sobre as competições apresentam um nível de desenvolvimento menor, quando comparada com os estudos sobre o treinamento no esporte (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WHITE, 2004 *apud* JUCHEM, 2015, p. 16).

A própria competição é o motivo principal para que muitos pedagogos façam oposição à adoção do esporte como um modelo de educação e formação de jovens. Tal posicionamento se origina a partir da ideia de que a competição promove na formação destes jovens a valorização extremada da concorrência e do individualismo, prejudicando a formação dos valores de igualdade e de solidariedade (MARQUES, 2004).

Em contraponto ao entendimento negativo da competição, Bento (2004, p. 46) afirma que é justamente na competição que se configura a base e o pressuposto para a cooperação, pois “quem não sabe competir, não sabe cooperar”. Ainda segundo Bento (2004), o jogo - que se faz presente nas atividades esportivas competitivas - proporciona a oportunidade de alteração de papéis, uma vez que quem perde hoje poderá ser vencedor amanhã; assim como quem vence tem a certeza de que as vitórias não se perpetuarão para sempre.

Gaya e Torres (2004) e Gaya e Gaya (2013) também consideram que o esporte de rendimento, no qual se insere a competição, constitui-se em um espaço de formação e educação, pois proporciona oportunidades para o desenvolvimento moral e social dos seus praticantes (JUCHEM 2015, p. 18).

A competição é elemento fundamental e dá sentido ao esporte (SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, 2001; MARQUES, 2004a; SCAGLIA; GOMES, 2005 *apud* JUCHEM, 2015 p. 44). Marques e Oliveira (2002 *apud* JUCHEM, 2015 p. 44) são mais incisivos e argumentam que não existe esporte sem competição.

Bento (2006a) considera que as críticas feitas à competição escolar são de argumentos pouco racionais e carentes de consistência. Entretanto, Bento (2006b) concorda que existem problemas e abusos no esporte e que tais questões não podem ser ignoradas.

Não temos como objetivo “sacralizar” a competição infanto-juvenil, muito menos a competição escolar, é certo que ocorrem excessos em algumas competições, a ponto de existirem propostas e discussões no sentido de se criar formas de disputa e normas visando proteger as crianças de excessos que podem ser cometidos nos processos de treino e de competições (DIXON, 2007; KERR; STIRLING, 2008; MAROTI; GOINA, 2009; WEBER, 2009 *apud* JUCHEM, 2015, p. 18).

Apesar de toda e qualquer divergência sobre o assunto, De Rose Jr. (2009 *apud* JUCHEM, 2015, p.19) argumenta que existem estratégias para tornar o processo competitivo em algo saudável adequando-o ao desenvolvimento benéfico das crianças e adolescentes. Para que isto se faça possível, faz-se necessária uma sensibilização por parte dos adultos quanto as reais necessidades e interesses dos jovens em relação à participação em competições; através do entendimento de que criança/adolescente não é um adulto em miniatura; da adequação das atividades ao estágio de desenvolvimento; proporcionando experiências positivas de competições; promovendo desafios e não ameaças no ambiente competitivo; valorizando o esforço e não apenas o produto (resultado competitivo); oferecendo críticas construtivas para a melhora no desempenho e não somente apontando os erros. De maneira que se possibilite desconstruir todo este ideário social que se sustenta à luz de que se deve vencer a qualquer custo.

O que pretendemos efetivamente ressaltar é que a competição e o desafio estão presentes em todas as manifestações do esporte. Seja no esporte de alto rendimento ou de excelência, seja no esporte de lazer e no esporte educacional, em todos eles há competição ou um desafio a ser enfrentado. É evidente que, se construídos sobre princípios éticos e morais, as competições esportivas e os desafios se constituem alicerces seguros sobre as quais se pode edificar uma pedagogia vocacionada para a formação integral de crianças e jovens (GAYA; GAYA, 2013, p. 51 *apud* JUCHEM, p. 16).

Portanto o que se deve fazer é criar competições organizadas de acordo com as necessidades, as expectativas e os interesses das crianças (MARQUES, 2004). Os esportes se fazem presentes em períodos cruciais para a formação e educação dos jovens, no entanto, este envolvimento não é automaticamente benéfico ou

maléfico, é a qualidade desta prática que fará com que o esporte tenha consequências positivas ou negativas (MARQUES, 2006); posicionamento corroborado por Ferraz (2009, p. 58 *apud* JUCHEM 2015, p. 19) ao afirmar que “a competição em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela”. Para Reverdito *et al.* (2008), a competição esportiva, em especial a escolar, deve possuir compromissos com a educação das crianças e adolescentes.

Apresentados estes argumentos, pode-se compreender que o problema não é a competição, mas a forma como ela é compreendida socialmente e encarada atualmente; o que se faz à luz de um modelo social que busca vencer, custe o que custar, e que não permite aos jovens que reflitam sobre seus insucessos.

4.4 A importância da derrota na formação de valores

Em nossa sociedade, está enraizada a compreensão de que eventos esportivos são lutas pela supremacia nas quais todos os treinadores e atletas procuram sair vitoriosos. Com base nisso, perpetua-se uma noção no âmbito esportivo de que atingir a vitória é equivalente a atingir o sucesso; e que sempre que perdemos, fracassamos (CUMMING *et al.*, 2007, p. 322).

Se perguntarmos a respeito da finalidade da competição desportiva, a grande maioria das pessoas dirá que é ganhar: o importante é vencer! Todos querem ganhar, mas apenas um pode ser o ganhador, restando, assim, uma grande parcela de perdedores. Entendido dessa maneira resta apenas uma visão maniqueísta do desporto que precisa ser superada! Ao perdermos de vista a importância social, pedagógica e cultural do desporto, permitimos que prevaleça a luta desenfreada pelas conquistas desportivas: a obsessão por ganhar! (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 544).

Portanto, em um modelo de desenvolvimento do esporte - que busca se opor àquele orientado pelas vitórias e pelos lucros - a mensuração do sucesso necessita ir além das estatísticas individuais ou da classificação final da equipe em determinado campeonato. Neste modelo, o sucesso reside em dar o máximo esforço, trabalhando para desenvolver as habilidades e desfrutando dos aspectos sociais e competitivos da experiência esportiva (MARTENS, 2004. SMOLL; SMITH, 2005 *apud* CUMMING *et al.*, 2007, p. 322) - independente do resultado atingido.

Bento (2006) salienta que o desporto possui um caráter educativo e cultural justamente em função de sua natureza competitiva. A melhor expressão da relação educativa é aquela que surge quando mesmos

interesses, objetivos e finalidades de duas ou mais pessoas se encontram numa situação de conflito. Nesse momento é que vemos se as pessoas, de fato, detêm o controle dos seus instintos, das suas limitações e da própria situação. No desporto há um embate permanente para a conquista da vitória, de uma marca e de um campeonato; e, nem por isso, nessa situação limite de esforço físico, emocional e psicológico, na grande maioria das vezes, os protagonistas ultrapassam as fronteiras do respeito, da consideração e da valorização dos companheiros, dos adversários e da tarefa competitiva (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 545).

O modelo saudável de desenvolvimento desportivo postula que os jovens podem aprender lições valiosas a partir das vitórias, mas acima de tudo, a partir das derrotas (CUMMING et al., 2007, p. 322). Para que isso ocorra, os adultos devem compreender ambos cenários dentro de uma perspectiva saudável (CUMMING et al., 2007, p. 322). É pouco provável que os esportes atinjam todo seu potencial colaborador para com o crescimento pessoal de jovens atletas, se estes mesmos acharem que o único objetivo é vencer seus oponentes (CUMMING et al., 2007, p. 322) - ou que tudo está perdido quando derrotados.

Segundo Ibañez (1976) “os valores têm a ver com as nossas tendências, as nossas inclinações e cumprem um papel de aperfeiçoamento e/ou obtenção da dignidade” (*apud* MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 546), portanto é necessário que sejam desconstruídas as atuais concepções de sucesso e de fracasso, para que se passe a cultivar um novo conjunto de valores, em prol de uma sociedade melhor e mais digna. Monteiro (2007) aponta que “no desporto, superar o adversário é a conduta externa, visível e clara; entretanto, o crescimento é interno: este, invisível e apenas expressável, é traduzível numa beleza ímpar e de valor pedagógico” (*apud* MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 550).

Contudo, seria ingênuo e irrealista afirmar que vencer não é uma parte importante dos esportes juvenis. Ganhar é uma parte inerente da competição e, portanto, um objetivo importante, mas não é o único objetivo, nem o mais importante (MARTENS, 2004; SMITH; SMOLL, 2002; THOMPSON, 2003 *apud* CUMMING et al., 2007, p. 323). O principal objetivo dos programas de esportes para jovens deve ser o de desenvolver características psicológicas e sociais desejáveis, bem como habilidades físicas e condicionamento físico. Em suma, vencer deve ser visto como uma consequência do desenvolvimento físico e psicológico do atleta e não o foco principal do envolvimento atlético (CUMMING et al., 2007, p. 323).

É nessa perspectiva que vemos o desporto como um notável meio de educação e de cultura, conforme exposto por autores como Kohlberg (1964) e Fagundes (2001): as situações de conflito, dilemas e interrogações são meios pedagógicos para se desenvolver e educar as pessoas com vistas à autonomia, à dignidade e à interação com o meio social. Acrescentemos a essa lista o fortalecimento da vontade, a efetividade no agir e a arte da autoeducação permanente (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 551).

Mas não só isso, é necessário que sejam promovidas reflexões diante da atual e enraizada concepção social da derrota. Aquele que perde e nada aprende de sua derrota, está sendo derrotado duas vezes, pois ao perder e não refletir diante desta situação, deixa de aproveitar uma imensurável oportunidade de transformação pessoal e social.

Todos nós já escutamos o ditado “você pode aprender mais com a derrota do que com a vitória”, mas a palavra atuante ali é “pode” - esse aprendizado não acontece automaticamente. Você precisa aproveitar os ensinamentos da derrota⁸ (ELWAY, 2006).

Para Cagigal (1975) é indispensável pensar o esporte na escola como uma manifestação do esporte-práxis, focalizado na formação humana a nível pessoal e social (*apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 2). Trata-se de uma abordagem que pretende buscar um equilíbrio entre a recreação e a competição excessiva, transcendendo a concepção de uma busca incessante por resultados positivos. Nesta metodologia, a motricidade é um denominador comum entre o ensino e a iniciação esportiva; e o aluno é o protagonista do processo educativo (BLÁZQUEZ, 1995, p. 29 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 2). Álamo (2007, p.141) complementa dizendo que devem ser propostas situações de análise, reflexão e crítica; de maneira que este processo encaminhe a compreensão do aluno sobre as atividades e lhes proporcione melhorias em níveis cognitivos, motores e afetivo-sociais (*apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018). Portanto, uma versão educativa que justifique o esporte na escola deve promover o desenvolvimento de valores nos alunos (LARREA et al., 2010 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 2). O esporte na escola “é educativo na medida em que, como professores, além de encarregar-nos do ensino de aspectos técnico-táticos e do desenvolvimento das qualidades físicas dos alunos, nos centremos

⁸ Tradução nossa.

também na transmissão de valores”⁹ (GIL, 2006, p. 155 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 4).

Apesar de reconhecer que os motivos pelos quais um aluno esteja - ou não - disposto a socializar sejam diversos e legítimos, é tarefa do professor promover aprendizagens que favoreçam a coesão e desenvolvimento social (JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 4). Para isso, é necessário que o professor facilite aos alunos o entendimento de que a atitude de enfrentamento exigida pelo esporte deve ser limitada ao momento em que o jogo acontece; e que, uma vez finalizado, viabiliza-se uma possibilidade de confraternização - é preciso, portanto, que se ensine a distinguir estes contextos (JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 4), fazendo assim, com que se favoreça a convivência e que se propicie:

trabalhar os aspectos cooperativos necessários da educação esportiva, para que os alunos sejam capazes de relativizar os diferentes conflitos e questões que surgem a partir das diferentes competições esportivas, utilizando o diálogo e a comunicação (GALLARDO, BELLIDO Y BENÍTEZ, 2011, p. 9 *apud* JOHNSON, ARDUIZ E SANTIBAÑEZ, 2018, p. 4).

Johnson, Arduiz e Santibañez (2018) debatem sobre uma proposta a partir do *fair play*, que é entendido como “uma adesão às regras e um compromisso com a competição limpa; que inclui o respeito por todos os participantes, pelas decisões do árbitro e que demanda autocontrole na vitória e na derrota” (PINHEIRO; CAMERINO; SEQUEIRA, 2014, p. 32 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 2). Dentre os tópicos apresentados por Johnson, Arduiz e Santibañez (2018), três devem ser destacados: aprender a perder; valorizar a derrota; e frustração. Para eles, faz-se necessário alcançar o entendimento de que nem sempre nossos desejos pela vitória são atingidos e que, frente estas situações, é preciso que as derrotas sejam aceitas e que se agradeça a equipe rival pela presença - uma vez que sem a vontade de participar não há competição.

Um dos principais objetivos da iniciação esportiva é desenvolver habilidades psicológicas específicas: como saber ganhar e perder, jogar limpo e saber controlar-se em momentos de dificuldade (GIMENTO, 2003 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBAÑEZ, 2018, p. 5). A fim de conseguir isso é necessário que, tanto em ambiente familiar como em ambiente escolar, desenvolva-se uma educação

⁹ Tradução nossa.

emocional, pois nos jogos cooperativo-competitivos há uma maior percepção negativa em razão da competitividade, uma vez que muitas emoções negativas surgem quando se perde (MIRALLES, FILELLA; LAVEGA, 2017, p. 92 *apud* JOHNSON, ARDUIZ E SANTIBÁÑEZ, 2018, p. 5).

Um dos grandes desafios dos educadores é fazer com que o aluno transforme as emoções negativas provenientes da derrota em algo construtivo. A derrota tem um potencial educativo importantíssimo e é preciso que ela seja experienciada de forma direcionada ainda enquanto jovens - na escola - para que as pessoas tenham a oportunidade de aprender a lidar com seus sentimentos, frustrações e com as perdas – desafios estes que sempre estarão presentes de alguma maneira na vida cotidiana.

Quando um resultado não desejado é obtido, possibilita-se refletir sobre o processo - tanto no âmbito técnico, tático, disciplinar ou atitudinal -, o qual proporcionará novos aprendizados que permitem visualizar novas formas de progredir [...] Conseguir que os alunos possam transcender as emoções negativas que surgem da derrota é um grande desafio para os educadores, já que nos jogos, não há nada para quem perde. Pois, ao assumir que foi derrotado, o que se gera é frustração, baixa do autoconceito e, em algumas ocasiões, raiva e vingança¹⁰ (MURCIA; MELO, 2011, p. 674 *apud* JOHNSON; ARDUIZ; SANTIBÁÑEZ, 2018, p. 5).

Os jovens - ao serem ensinados a lidar com sentimentos e situações adversas -, estarão mais próximos de tornarem-se pessoas altruístas, uma vez que o jogo “proporciona a oportunidade de desenvolver valores como a humildade, resultante do enfrentamento das dificuldades e inabilidades; fomenta a aceitação de si e o respeito ao próximo” (JUCHEM, 2015, p. 18) e que “proporciona a oportunidade de alteração de papéis: quem perde hoje poderá ser vencedor amanhã; quem vence tem a certeza de que as vitórias não se perpetuarão para sempre” (BENTO, 2014 *apud* JUCHEM 2015, p. 18). Assim sendo, estarão sendo formadas pessoas mais empáticas e sensíveis umas com as outras e a sociedade estará mais próxima de um ideal equitativo e justo.

Para que isto ocorra, segundo Smoll e Smith (2012, p. 27):

Em uma filosofia sobre vencer de forma saudável - que leva em consideração os benefícios educacionais do esporte - jovens atletas podem aprender tanto ganhando quanto perdendo. Mas para que isso ocorra, vencer deve ser colocado em uma perspectiva saudável. Para

¹⁰ Tradução nossa.

isso, é importante desenvolver uma metodologia projetada para maximizar o aproveitamento do esporte pelos atletas e suas chances de receber os resultados positivos da participação.

Esta filosofia vai ao encontro do ideal olímpico apresentado por Barão de Coubertin, que dizia que “o que importa não é o triunfo, mas a luta”. Sendo assim, ganhar não é tudo, nem mesmo a única coisa que importa. Isso não significa que a vitória deve ser desconsiderada ou deixar de ser almejada, mas que há outros aspectos a serem considerados - independente do resultado alcançado - que são tão relevantes quanto e que fazem parte da construção pessoal de cada um.

Jovens atletas não podem aprender ganhando e perdendo se acharem que o único objetivo é vencer seus oponentes. Isso significa que você não deve tentar construir equipes vencedoras? Definitivamente não! Como forma de competição, o esporte envolve uma disputa entre indivíduos ou equipes adversárias. Seria ingênuo e irrealista acreditar que vencer não é uma meta importante nos esportes, mas esse não é o objetivo mais importante. Os jovens devem [...] gostar de se relacionar com você e com seus companheiros de equipe, sentindo-se melhor consigo mesmos, tendo aprimorado suas habilidades e aguardando a participação futura no esporte. Quando isso acontece, algo muito mais valioso foi realizado do que ter um recorde de vitórias ou vencer um campeonato¹¹ (SMOLL; SMITH, 2012, p. 27).

Algumas lições valiosas podem ser aprendidas com a derrota. É possível aprender a persistir diante dos obstáculos e a apoiar-se mutuamente, mesmo quando a vitória não é alcançada.

Fracasso não é a mesma coisa que perder. Os atletas não devem ver a perda como um sinal de fracasso ou como uma ameaça ao seu valor pessoal. Eles devem ser ensinados que perder uma competição não é um reflexo de sua própria autoestima. Em outras palavras, quando indivíduos ou equipes perdem, isso não significa que eles valham menos do que se tivessem vencido.¹² (SMOLL; SMITH, 2012, p. 27).

Portanto, o que deve ser ensinado aos atletas é de que o sucesso não é definido pelo resultado da competição, ele é encontrado na luta - na busca - pela vitória, e está relacionado ao esforço empenhado na tarefa - mesmo que o resultado final não seja o desejado.

¹¹ Tradução nossa.

¹² Tradução nossa.

Smoll e Smith (2012, p. 28) dizem que “o esforço está dentro da zona de controle dos atletas”¹³, portanto esta é uma variável que os alunos têm poder de alterar, diferentemente do resultado do jogo - este é incerto e indomável. Para Wooden: “O sucesso é a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial” (WOODEN; JAMISON, 2010, p. 48).

Sendo assim, se formos capazes de fazer com que nossos atletas assimilem o entendimento de que enquanto derem o melhor de si jamais sairão derrotados, estaremos preparados para formar cidadãos dignos e prontos para buscar um mundo melhor.

Se você pode internalizar em seus atletas de que eles nunca serão "perdedores" enquanto se esforçarem ao máximo, você está dando a eles um presente inestimável que os ajudará em muitas das tarefas da vida¹⁴ (SMOLL; SMITH, 2012, p. 27).

Se eles podem manter suas cabeças erguidas enquanto perdem, eles saberão como manter suas cabeças erguidas quando experienciarem as adversidades em suas vidas adultas. Se eles conseguem sustentar uma atitude de "nunca desistir" nos esportes, eles irão longe em qualquer coisa que eles escolherem fazer (ELWAY, 2006).

Enquanto meus alunos estiverem tendo prazer, dando o melhor de si e nunca desistindo, são vencedores, seja qual for o resultado. Se compreenderem isso, então eu fiz o meu trabalho (GLASS *apud* COUSINEUAU, 2004, p. 237).

Entretanto, em uma cultura viciada na droga do sucesso, qualquer coisa que não a vitória é tida, de forma distorcida, como ignomínia e indignidade, falta de valor. Mudar esse conceito é uma tarefa para um treinador-filósofo (COUSINEUAU, 2004, p. 220).

4.5 O treinador-filósofo

Treinadores-filósofos são aqueles que se distinguem por seu cuidado com a excelência dos outros; um treinador consciencioso, mentor com integridade moral (COUSINEUAU, 2004, p. 220). Será aquele que conseguir fazer com que seus

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Tradução nossa.

alunos atinjam e apliquem todos os conhecimentos reunidos neste trabalho: que sustente uma filosofia à luz dos ideais Olímpicos, formulados na Grécia Antiga; com o intuito de formar seres humanos dignos, críticos, transformadores de mundo; e que busquem se tornar a melhor versão de si mesmos, de maneira que possam quebrar a concepção atual sustentada na ideia de que se deve vencer a qualquer custo.

É um amante da sabedoria da vida esportiva. [...] Ensina a seus jogadores as habilidades necessárias de que precisam para melhorar o desempenho, mas também porque o treinamento e os jogos *têm importância*. Nesse sentido, dá lições de vida, ensinando também coisas como lealdade, concentração, disciplina, capacidade de superar a adversidade e disposição em jogar em equipe ou por uma causa maior (COUSINEAU, 2004, p. 220).

Trata-se de um líder de espécie rara, exemplo que tanto os outros técnicos quanto os não técnicos devem seguir. São como os sábios antigos - que não são perfeitos, mas, ainda assim, são uma liderança da mais alta qualidade e exemplos que valem a pena ser seguidos (COUSINEAU, 2004, p. 221).

“Fique com o ouro, fique com a prata, mas dê-nos a sabedoria”, diz um provérbio árabe. Há muito tempo é tarefa do treinador-filósofo, quer num *playground*, quer nas quadras de tênis de uma comunidade de aposentados, transcender o momento efêmero do jogo, filtrar da competição a sabedoria da vida e depois passá-la para seus atletas, homens ou mulheres (COUSINEAU, 2004, p. 223).

Para se atingir o conhecimento de um técnico-filósofo, faz-se necessário aprender a transcender a ilusão do esporte competitivo “como quem olha para o outro lado do espelho em busca de verdades mais profundas” (COUSINEAU, 2004, p. 223). Neste caso, a ilusão é que vencer é o único objetivo válido. E, em vez de desanimar com os efeitos prejudiciais advindos do culto à vitória - perpetuados por muitos pais e pessoas de comportamentos antidesportivos -, o treinador-filósofo reconhece que a ilusão é inerente à recompensa. Ou seja, este tipo de treinador se utiliza do veneno perpetuado pela cultura antidesportiva, em prol de objetivos superiores, que acabam por transformar essa mesma cultura.

Os treinadores realmente bons levam seus jogadores a serem os melhores... Seus jogadores podem nunca se tornar profissionais, mas como aprenderam os valores do jogo, estão mais bem preparados para a vida (BRADLEY *apud* COUSINEAU, 2004, p. 223).

Portanto a ilusão da vitória é utilizada como combustível para que se atinja algo muito mais significativo. Uma das maiores tarefas do treinador-filósofo é saber quando enfatizar a vitória e quando “desenfatizá-la” (COUSINEAU, 2004, p. 223).

A vitória é uma medida da excelência [...] Mas ganhar é algo finito. Assim que a vitória é obtida, ela acaba. Pertence ao passado. A vitória é maravilhosa. Culturalmente somos obcecados por ela. Mas transcender a vitória é chegar a um grau de excelência que exige a dedicação de uma vida inteira. Isso é infinito (BOCHTE *apud* COUSINEAU, 2004, p. 223).

É possível que os resultados não venham a aparecer no placar de cada jogo, nas classificações finais dos campeonatos, ou nos registros de recordes (COUSINEAU, 2004, p. 224). O que conta, segundo Wooden (*apud* COUSINEAU, 2004, p. 224), não é ganhar, e sim o que se leva consigo para o resto da vida: “A vitória nunca é final. A derrota nunca é final. É a coragem que conta... e permanece o que você aprendeu”.

A tarefa do treinador-filósofo é ajudar cada atleta a descobrir o equilíbrio mágico entre jogar no momento presente e jogar para o futuro, isto é, de uma forma que tenha consequências de longo alcance (COUSINEAU, 2004, p. 224).

Portanto, o papel do treinador-filósofo precisa ir muito além dos conhecimentos técnicos e táticos. É compartilhar lições de vida - daquelas que possibilitam desenvolver qualidades humanas: como confiança, honestidade, espírito esportivo e integridade. É buscar a superação do estigma da derrota. Essas características são muito mais relevantes do que vencer um jogo qualquer.

5 A ARTE QUE IMITA A VIDA

5.1 *Coach Carter* - O treinador-filósofo

O filme “*Coach Carter - Treino para a Vida*” (dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. Estados Unidos, 2005), baseado em uma história real, conta a história de Ken Carter (interpretado pelo ator Samuel L. Jackson), um vendedor de artigos esportivos que aceita ser o técnico de basquete de sua antiga escola, onde bateu muitos recordes como jogador e que fica localizada no subúrbio de São Francisco - em um modesto distrito chamado Richmond.

Contrariando a lógica convencional até então, Carter impõe um rígido padrão disciplinar, onde os alunos que queiram participar do time têm que assinar um contrato que exige um comportamento respeitoso, um padrão de vestimenta em dias de jogos e um bom desempenho escolar.

Apesar de enfrentar uma resistência inicial por parte dos jovens, Carter transforma em imbatível um time que havia vencido apenas quatro jogos na temporada anterior, tornando-o a sensação do campeonato. Este fato faz reacender uma forte identificação e um grande envolvimento da comunidade local com a equipe de basquete escolar da região.

Porém, após uma boa sequência de vitórias o comportamento do time deixa a desejar e foge do esperado. Seus jogadores parecem não estar apenas satisfeitos em vencer, eles precisam vangloriar-se - humilhando e provocando o adversário.

- O que há de errado com vocês? Desde quando ganhar não é o suficiente? [...] Não. Vocês têm a necessidade de humilhar seu oponente. Ridicularizá-lo depois de cada ponto. Vocês ganharam quatro jogos na última temporada. Quatro! O que lhes dá o direito de ridicularizar o jogo que eu amo com conversa fiada e insultos?
- Professor, eles estavam provocando também.
- E daí? Não sabem demonstrar alguma classe? Agir como campeões?¹⁵

Além disso, Carter descobre que muitos dos seus jogadores estão tendo um desempenho muito fraco nas salas de aula, tirando notas baixíssimas ou deixando de frequentá-las - descumprindo uma cláusula importante de seu contrato. Isto faz

¹⁵ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 00h46min). Trata-se de um momento em que o treinador questiona seus atletas.

com que ele tome a iniciativa de cancelar os jogos e suspender os treinamentos - para surpresa de seu time, do colégio e de toda a comunidade.

Decidido a transformar não só um time e sim vidas, o treinador passa a enfrentar uma forte resistência por parte dos familiares dos jogadores, da comunidade escolar e, até mesmo, de alguns integrantes do time. Isso faz com que o treinador seja fortemente perseguido e pressionado pelo distrito onde mora, pois as pessoas compartilham o pensamento de que uma boa temporada seria o auge da vida destes garotos. Perplexo com este ponto de vista, o treinador sustenta sua posição, que parte do princípio de que os garotos são alunos-atletas - e que, não por acaso, a palavra “aluno” vem em primeiro lugar.

Entretanto, ao perder o julgamento que o obrigou a cessar a paralisação, decide deixar seu cargo.

O conselho passou a mensagem, alto e claro. Vencer jogos de basquete é mais importante do que se formar e ir para a universidade. Sinto muito. Eu não posso apoiar esta mensagem.¹⁶

Por se tratar de um filme baseado em uma história real - paralelamente à história do treinador - também são retratadas as vidas de alguns dos jogadores do time, das quais podemos destacar pelo menos três casos:

- O primeiro deles mostra um jovem envolvido com o tráfico de drogas da região que tem seu primo morto por uma gangue rival. Transtornado pelo ocorrido, decide largar o tráfico e, reconhecendo na equipe uma chance de recomeço, procura o treinador atrás de uma nova oportunidade. Comovido com a situação, Carter termina por acolhê-lo em seu time, com a condição de que ele seguisse rigidamente as normas pré-estabelecidas, bem como realizasse uma série de treinamentos físicos extras.
- O segundo trata-se de um rapaz que descobre que a sua namorada está grávida, o que o faz refletir fortemente quanto às suas oportunidades futuras e chances de transformar sua condição social. Frente a este cenário, o jovem decide abraçar o projeto do treinador por visualizar que a sua melhor

¹⁶ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h44min). Disse o treinador à diretora que lhe pediu para que não se demitisse em razão da decisão do conselho.

possibilidade está atrelada a uma bolsa esportiva universitária - e que a equipe de basquetebol da escola serviria como sua grande vitrine.

- E, por último, temos a estrela do time na temporada. Este não entende a real necessidade de se tirar boas notas, já que acredita que seu desempenho esportivo seja o suficiente para atrair a atenção das universidades. Após uma discussão com o treinador, o jovem deixa a equipe. No entanto, sua mãe o faz pedir desculpas, pois ela havia vivenciado a morte prematura de um filho e não suportaria permitir que este tomasse um rumo semelhante e desperdiçasse a oportunidade de ser o primeiro da família a ingressar na faculdade. Ela argumenta que até poderia fazer com que seu filho jogasse por outra escola, mas que fazia questão de que o garoto estivesse sob o comando de Carter, por acreditar na sua filosofia. O treinador aceita o jovem de volta à equipe na condição de cumprir um treinamento físico extra como penalidade.

Estes episódios evidenciam a importância da intervenção do projeto de Carter na vida destes garotos. Sua concepção de treino - e de vida - enfim passa a ser compreendida e assimilada por seus aprendizes e seus familiares.

Por gratidão à transformação promovida por Carter é que os atletas de seu time, mesmo que com a paralisação cessada por lei, decidem não jogar e defender a filosofia do seu treinador: “Senhor, eles podem quebrar a corrente da porta, mas não podem nos fazer jogar”¹⁷ - disse um deles, fazendo alusão às correntes colocadas por Carter na porta do ginásio, símbolo do cancelamento dos treinos/jogos. Outro reforça o recado dizendo: “Nós decidimos que vamos terminar o que você começou, senhor”¹⁸.

Trata-se de uma mensagem de agradecimento ao treinador pelo empenho dedicado às suas vidas. Este é um momento bastante emocionante da obra: o momento em que o treinador vê seus esforços reconhecidos e valerem a pena. Uma boa parte de seu empenho refletia-se nos números de vitórias obtidas, é claro.

¹⁷ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h45min).

¹⁸ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h45min).

Porém, neste momento, evidencia-se a importância do papel do treinador não só dentro das quatro linhas da quadra, como também fora delas.

Após um mutirão de estudos e tendo sido solucionado o problema acadêmico, o time retorna às quadras. Pelo desempenho fenomenal na temporada, a equipe é convidada para participar do principal campeonato do estado.

O filme encerra-se com um grande e disputado jogo. Ainda que baseado em uma história verídica, trata-se de uma obra fictícia e, de certa forma, espera-se que o time vença, alcançando o tão desejado final feliz. Entretanto, o desfecho do jogo se dá com uma apertada derrota da equipe do treinador Carter.

Uma amarga derrota. A frustração é tão grande que pode ser facilmente compartilhada pelo espectador. Os jogadores a degustam e a assimilam. Após este processo, ainda no vestiário, refletem e compartilham de um momento unidos que os faz reconhecer a força e a importância de seus esforços, bem como percebem o quanto evoluíram durante o processo.

Ao aceitar este trabalho, eu tinha um plano. Um plano que falhou. Eu vim treinar jogadores de basquete e vocês se tornaram estudantes. Eu vim treinar garotos e vocês se tornaram homens. E, por isso, eu agradeço vocês.¹⁹ - disse Carter, durante este momento no vestiário.

A última cena do filme retrata a comunidade recebendo a equipe após seu jogo, todos orgulhosos do resultado atingido. Uma bela cena. Neste momento, temos representado em tela a essência mais pura e transformadora do que a derrota pode nos proporcionar diante de grandes frustrações. A derrota é transformada em algo maior. Algo grandioso. É compreendida com a atenção e a importância que a ela sempre deveria ter sido atribuída. Digna de um sentimento difícil de ser traduzido em palavras.

O grupo todo se encontra feliz e realizado - apesar da frustração inicial em razão da derrota -, abraçando aqueles que tanto os incentivaram e compartilharam dos bons momentos vividos anteriormente. Trata-se de uma celebração do quanto se evoluiu e se permitiu florescer durante todo um processo de trabalho bem desenvolvido. Essa é uma celebração em que mesmo as lágrimas de tristeza são permitidas. É um momento de reconhecimento.

¹⁹ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 02h08min).

Uma vitória pode definir momentaneamente alguém como vencedor. Porém, perder jogos não define derrotados. O objetivo da equipe, claro, era o de vencer o jogo - seguir no campeonato e consagrar-se campeã. Apesar de não realizarem o objetivo imediato, atingiram um objetivo muito mais importante. Este que é construído a longo prazo: o de compreender que o “Sucesso é a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial” (WOODEN; JAMISON, 2010).

O legado do trabalho de Ken Carter atingiu muito mais do que o desenvolvimento esportivo de um pequeno grupo de garotos. Atingiu a vida destes garotos. E mais, atingiu a vida de toda uma comunidade. E isto é admirável.

No fim das contas, o resultado deste jogo não traz consigo apenas uma conotação negativa. É uma derrota carregada de diversos significados, de diversos aprendizados e que simboliza toda a evolução de um grupo de pessoas. Esta derrota, por mais que indique o final do trajeto deste grupo de jovens como um time, não simboliza o final de todo o trabalho proposto por Carter.

Para além do jogo, é preciso refletir sobre vidas. Carter encontrou jovens sem perspectivas de futuro, sem projeções de que rumo tomar. Eram garotos que sequer viam a universidade como uma boa oportunidade a se seguir. Esta é a grande vitória do filme, ou melhor dizendo, esta foi a grande derrota superada por Carter.

Veja bem, Ken Carter teve a mesma formação que estes garotos, foi tão estudante e atleta de Richmond quanto os seus atuais aprendizes. Ou seja, o treinador vivenciou a mesma realidade que estes jovens. Levando em consideração o destino de muitos de seus amigos de adolescência bem como o destino dos pais e familiares dos meninos - morte ou prisão -, carrega consigo o entendimento de que a grande maioria de seus atletas também poderia vir a compartilhar um trágico destino, a não ser que pudessem encontrar o caminho dos estudos.

Eu vejo um sistema que é projetado para derrotar vocês. Richmond só forma 50% de seus alunos. E entre aqueles que se formam, só 6% entram para a universidade. Neste distrito, 33% dos homens negros entre 18 e 24 anos são presos. Então, olhe para o companheiro à sua esquerda. Agora olhe para o da direita. Um de vocês vai ser preso. Crescendo em Richmond, vocês têm 80% mais de chance de ir para a prisão do que para a universidade.²⁰

²⁰ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h27min).

Evidentemente que, por se tratar de um filme, os dados estatísticos não apresentam validade alguma. Entretanto, são números que se aproximam da realidade brasileira, uma vez que pesquisas do INEP (2017) ²¹ apontam que no Brasil 64,8% dos jovens entre 18 e 24 não frequenta o ensino superior, sendo que 25,8% sequer concluiu o Ensino Médio. Quanto às chances de ser preso, os dados da Agência Brasil²² evidenciam que 55% da população carcerária brasileira - constituída por 726 mil pessoas - concentra-se na faixa etária de 18 a 29 anos.

Carter, estando ciente do sistema projetado para derrotar os jovens da região em que vive, propõe-se a fazer o que estiver em seu alcance para não deixar que isso aconteça com o pequeno grupo de estudantes ao qual ele tem acesso, oportunidade de transformação propiciada pelo esporte em razão do vínculo fortalecido dentro do ambiente esportivo. Não fosse o esporte, Carter jamais teria a abertura para interagir com os garotos.

Agora, quero que vocês vão para casa e olhem para as suas vidas. Olhem para a vida de seus pais e perguntem-se se querem mais do que isso. Se a resposta for “sim”, vejo vocês aqui amanhã. E eu prometo a vocês que farei tudo que eu puder para levá-los para a universidade e para uma vida melhor. ²³

Este padrão, compreendido como uma “derrota pré-estabelecida”, evidenciado pelo treinador nos indica que há um modelo de fracasso que vem sendo perpetuado e que é imposto a um determinado grupo de pessoas devido a sua classe social -, agravado pela cor da pele.

Podemos dizer que Carter, ao visualizar e querer modificar este padrão, estava refletindo e aprendendo como consequência de uma derrota. Uma derrota que lhe foi socialmente imposta. Este sistema, ao fazê-lo questionar, lhe gerou um aprendizado que o permitiu transcender seu entendimento - e, portanto, evoluir.

Esta é outra faceta da derrota a ser compreendida. Não temos a aprender apenas a partir dos revezes que os jogos/esportes nos proporcionam. A própria vida é capaz de proporcionar tais momentos que são tão educacionais quanto. As

²¹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <https://bit.ly/2Wk1zOw> Acesso em 03 de Março de 2019.

²² Veículo de notícias vinculado à EBC - Empresa Brasil de Comunicação. EBC é a empresa estatal encarregada de realizar todo o trabalho de publicidade legal para os órgãos da administração pública federal. Disponível em: <https://bit.ly/2AZ5nu3> Acesso em 03 de Março de 2019.

²³ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h29min). Conselho de Carter aos jovens.

derrotas do cotidiano também possuem uma fortíssima capacidade transformadora. Afinal de contas, o esporte nada mais é do que uma metáfora da própria vida (MONTEIRO; BRAUNER; LOPES FILHO, 2014, p. 563).

Apesar de muitas vezes optarmos por encarar nossos insucessos pessoais como “uma dimensão da vida entre parênteses” (STIGGER, 2009, p. 76), não podemos fechar os olhos e fazer o mesmo diante dessas grandes estruturas sociais que recaem sobre um grupo específico de pessoas e que os incita ao fracasso. É nosso dever, como cidadãos, buscar - assim como Carter - fazer o máximo em nosso alcance para transformar a realidade que sustenta sistemas projetados para derrotar. Se nos acomodarmos diante disso, estaremos sendo derrotados duas vezes. Uma pelo sistema imposto e outra por deixar que o sistema perdure, não buscando transformá-lo. Afinal de contas, aquele que perde e não aprende nada com sua derrota, está sendo derrotado duas vezes.

- Você tranca o ginásio e os força a encontrá-lo na biblioteca? [...]
- Suas intenções são boas, Sr. Carter, mas seus métodos são radicais.
- A senhora pintou um cenário radical. Ninguém espera que eles se formem, que passem para a universidade.
- Então o senhor os tira o basquete, a única parte da vida deles onde têm algum sucesso?
- Sim, senhora.
- E os desafia para as aulas?
- Sim, senhora.
- E se falharem?
- Então nós teremos falhado.
- Infelizmente, Sr. Carter, nós dois sabemos que para alguns destes garotos, esta temporada de basquete vai ser o melhor momento da vida deles.
- Bem, eu acho que esse é o problema. Não acha?²⁴

Muitas críticas podem ser feitas à metodologia e à prática - nem tão - pedagógica aplicada por Ken Carter. Entretanto, precisamos compreender que se trata de um homem, já de longa experiência e que teve toda uma vida enfrentando um forte sistema de racismo estrutural. Condições difíceis nos levam a meios de (sobre)viver - de fazer escolhas e de tomar decisões - tão difíceis quanto. Muito de sua abordagem assemelha-se a um sistema militar, o que, de maneira geral, vai contra a mensagem que este trabalho tem a repassar. Foquemo-nos aqui, na

²⁴ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 01h24min). Trata-se de um diálogo entre o treinador Carter e a diretora da escola.

capacidade de resiliência passada por este time frente às dificuldades e derrotas impostas pelo esporte e pela vida.

Assim como não é interesse do estudo romantizar a derrota, também não é de interesse que se implemente um sistema à luz da militarização. Pelo contrário. A ideia é a de evidenciar a capacidade transformadora e a importância que as derrotas têm em nossas vidas para que evoluamos como seres humanos.

O fato é que, não fosse a intervenção de Carter - naquele espaço-tempo, naquela equipe e com aqueles atletas - os garotos, muito possivelmente, não teriam a oportunidade de chegar aonde chegaram: na universidade. Richmond perdeu o campeonato, mas seis jogadores do time foram para a universidade - sendo cinco deles com bolsas de estudo. Os três jovens aqui destacados - aquele que teve o primo morto pelo tráfico; o que descobriu que sua namorada estava grávida; e a estrela do time que não frequentava as aulas - se enquadram nesta parcela.

5.1.1 A autonomia do aluno frente à adversidade e a consolidação do espírito de equipe

Ainda no início do filme, antes mesmo de aceitar a proposta para se tornar o treinador de Richmond, Carter tem o seguinte diálogo com o senhor que o antecedeu no cargo:

- Os últimos anos foram muito duros.
- Bem, perder é difícil, senhor.
- Não falo sobre perder jogos... Não consigo fazer com que apareçam no colégio para treinar. Não consigo envolver os pais. E estou cansado de caçar crianças nas ruas e empurrá-las para o ginásio.²⁵

A esta altura tínhamos a primeira evidência do desafio que Carter teria de enfrentar. Eram os primeiros indícios da necessidade de se transformar toda uma realidade projetada para aqueles jovens estudantes. Mais do que perder jogos, o antigo treinador estava esgotado de perder para o sistema instaurado naquela comunidade.

Em sua apresentação, ao entregar os contratos aos alunos, Carter se desentende fortemente com um dos garotos. Trata-se do jovem que teve seu primo morto pelo tráfico: Timo Cruz.

²⁵ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 00h04min).

Cruz é um menino que, embora tenha um grande potencial - como aluno e atleta - sente-se pressionado a passar uma imagem de durão, como consequência do ambiente hostil em que convive.

Tal conduta acaba refletindo no episódio que gerou sua exclusão da equipe. Após ser extremamente desrespeitoso com o treinador, ameaça agredi-lo. Ao tomar esta atitude, é repreendido por Carter, que segura seu braço e o manda embora do ginásio.

Após o time atingir suas primeiras vitórias e já não se sentindo muito confortável com a vida que vinha levando, Cruz aparece em um dos treinos pedindo para reingressar no time. Carter propõe uma penalidade impossível de ser executada, até porque não faz questão de ter o garoto em sua equipe novamente.

Mesmo esforçando-se ao máximo, Cruz não consegue cumprir a meta. O treinador fica impressionado com sua dedicação, mas diz que não foi o suficiente e pede para que abandone o ginásio. “Estou impressionado com o que fez, mas ainda falta. Você me deve 80 suicídios e 500 flexões. Por favor, saia do meu ginásio. Senhores, vejo vocês amanhã.”²⁶ – disse o treinador.

Neste momento, um dos colegas de equipe, reconhecendo todo o esforço feito por Cruz, solidariza-se com o colega e se propõe a cumprir uma fração da penalidade para que o colega possa retornar para a equipe. “Eu faço flexões por ele... Você disse que somos um time. Se um luta, todos lutamos. Um jogador triunfa, todos triunfamos, certo?”²⁷ – diz o aluno ao questionar o treinador.

Após um breve momento de silêncio e surpresa por parte de Carter, os demais colegas se disponibilizam a cooperar com Cruz para a realização da tarefa dentro do prazo proposto. Comovido com a situação, o treinador deixa o ginásio, solicitando ao seu assistente que contabilize e certifique-se de que tudo foi cumprido dentro dos conformes. É importante retomar que o Treinador-filósofo, não é perfeito (COUSINEAU, 2004, p. 221), mas que muitas situações propiciadas por ele dão “lições de vida, ensinando também coisas como lealdade, concentração, disciplina, capacidade de superar a adversidade e disposição em jogar em equipe ou por uma causa maior” (COUSINEAU, 2004, p. 220).

²⁶ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 00h41min).

²⁷ *Coach Carter - Treino para a Vida* (Dirigido por Thomas Carter. *Paramount Pictures*. EUA, 2005. 137 min. 00h41min).

Não sabemos até que ponto esta parte retrata, de fato, a realidade dos acontecimentos e até que ponto trata-se de uma cena a cargo da ficção. O que podemos concluir é que a adversidade imposta ao Sr. Cruz foi um fator crucial para a consolidação do espírito de equipe no time do treinador Carter.

Este episódio não foi uma tarefa imposta propositalmente pelo treinador. O espírito de equipe, de companheirismo é fruto do reconhecimento geral - tanto do treinador, como dos atletas; mas neste caso em específico, apenas pelos atletas - de que as pessoas envolvidas no trabalho estão comprometidas a dar o seu melhor para atingir o melhor resultado possível. Nas palavras de Wooden e Jaminson (2010), estão comprometidas a atingir o sucesso, uma vez que o sucesso é o maior esforço empreendido em se tirar o melhor das suas potencialidades.

Num ato de solidariedade e de grandeza humana, ao identificarem em Cruz uma entrega imensa, optaram, de maneira coletiva, em acolhê-lo. Baseando-se na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), este gesto pode ser considerado como uma tomada de decisão ética fundamentada a partir de uma leitura de mundo feita pelos alunos, comprovando sua autonomia para transformar a realidade em que vivem. Percebam novamente que o professor não teve papel ativo nesta decisão. Foi uma escolha que partiu dos jovens e que foi transformada em um plano de ação. Ou seja, temos aqui um exemplo bem claro da capacidade de o aluno poder exercer sua autonomia, bem como sua capacidade de reflexão e de tomada de decisões frente a situações em que um posicionamento se mostra necessário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário, portanto, que sejam desconstruídas as atuais concepções de sucesso e de fracasso, para que se passe a cultivar um novo conjunto de valores em prol de uma sociedade melhor e mais digna. É preciso que sucesso deixe de ser sinônimo de vitória e que passe a ser compreendido como a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial.

Diante disso, os esportes se mostram como um excelente meio de se educar em valores, contribuindo para que alcancemos essa sociedade ideal e possibilitando um mundo onde as pessoas possam deixar de lado o pensamento de “vencer a qualquer custo” – que faz com que o segundo colocado seja visto apenas como o primeiro perdedor. E, conseqüentemente, permitindo que as pessoas possam aceitar e refletir de forma mais serena e crítica quanto aos seus insucessos - não deixando que estas situações as definam, mas que as vejam como um caminho que proporciona um valioso aprendizado.

As aulas de Educação Física parecem ser o ambiente mais propício para desenvolvimento de tais conhecimentos, uma vez que neste espaço é possível que sejam desenvolvidas inúmeras reflexões a partir das situações e sentimentos vivenciados a partir das práticas esportivas.

Seguindo os ideais do Olimpismo - que pregam que o importante é participar e não triunfar - é importante que, assim como na Grécia antiga, retomemos a busca por ser a melhor versão de nós mesmos, superando nossos próprios limites, não importando o resultado do adversário, a busca pela primeira colocação ou a quebra de recordes.

Uma versão educativa que fundamente o esporte na escola deve promover o desenvolvimento de valores nos alunos. O esporte na escola é educativo na medida em que, como professores, além de encarregar-nos do ensino de aspectos técnico-táticos e do desenvolvimento das qualidades físicas dos alunos, nos centremos também na transmissão de valores - uma tarefa digna de um verdadeiro Treinador-filósofo.

Um dos grandes desafios dos educadores é fazer com que o aluno transforme as emoções negativas provenientes da derrota em algo construtivo. A derrota tem um potencial educativo importantíssimo e é preciso que ela seja experienciada de

forma direcionada ainda enquanto jovens - em ambiente escolar - para que as pessoas tenham a oportunidade de aprender a lidar com seus sentimentos, frustrações e com as perdas – desafios estes que sempre estarão presentes de alguma maneira na vida cotidiana.

Os jovens, ao serem ensinados a lidar com sentimentos e situações adversas, estarão mais próximos de tornarem-se pessoas altruístas, uma vez que o jogo proporciona a oportunidade de desenvolver valores como a humildade, resultante do enfrentamento das dificuldades e inabilidades, assim como fomenta a aceitação de si e o respeito ao próximo. Para tanto, para que seja capaz de ressignificar o sentido das derrotas, é importante que o aluno seja também um protagonista do processo educativo, de maneira que possa fazer reflexões, análises e leituras da realidade que o cerca - buscando transformá-la como ser crítico e autônomo.

A fim de atingir isso, é necessário que, tanto em ambiente familiar como em ambiente escolar, desenvolva-se uma educação emocional, pois nos jogos cooperativo-competitivos há uma maior percepção negativa em razão da competitividade, uma vez que muitas emoções negativas surgem quando se perde.

Considerando que nem sempre foi clara a abrangência da Psicologia do Esporte (RUBIO, 1999) e, observando que a preparação emocional vem recebendo uma especial atenção no âmbito do esporte-rendimento - por se manifestar como um significativo diferencial neste meio que se mostra cada vez mais equilibrado -, parece ser relevante que se busque investigar quanto às suas implicações no esporte-escolar em pesquisas futuras.

A escolha por uma abordagem pertinente aos valores não significa desconsiderar aspectos de outras naturezas, longe disso. A intenção é a de fomentar a realização de futuros trabalhos acerca desta área que se mostra muito operante em nosso meio de atuação, pois muito é falado sobre a sua importância e sobre suas implicações, porém pouco é produzido – ou enfatizado - academicamente. Ainda é muito pobre o acervo de trabalhos que abordem questões relacionadas à importância derrota - fruto de uma baixa quantidade de pesquisas sobre a competição escolar. Precisamos compreender a imensa amplitude e relevância que nosso campo possui frente a questões tão profundas e pertinentes que são: a de proporcionar o enriquecimento humano e o de promover - e facilitar - o processo de aprendizagem.

Estima-se que as informações e reflexões contidas neste trabalho possam ajudar tanto professores de Educação Física do âmbito escolar como treinadores desportivos a entenderem melhor suas experiências, dilemas e desafios advindos da sua prática pedagógica, de suas propostas de treino e das competições.

Contudo, ressalto que este trabalho não tem a finalidade de romantizar a derrota, muito menos que seja um gatilho para que as pessoas perpetuem pensamentos destrutivos.

É esperado que este estudo possa contribuir para a formação de professores e treinadores de maneira que possam lidar pedagogicamente de modo mais sereno e criativo, fazendo com que possam elevar a prática desportiva ao seu nível de importância educativa e cultural. E que levem consigo o entendimento de que o esporte é muito mais do que uma simples e insana disputa pela vitória; é uma metáfora da própria vida; um vasto - e rico - meio de educar em valores.

7 REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo. **Cultura política, atores sociais e democratização**. Uma crítica às teorias da transição para a democracia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 28, p. 109-122, jun. 1995. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_09.htm> Acesso em 11 fev. 2019.

BENINI, Paulo André Cren. **O Jogo da Minha Vida**: Histórias e reflexões de um atleta. São Paulo: Leya, 2012.

BENTO, J. O. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da Ufrgs, 2004, Cap. 1, p. 21-56.

BENTO, J. O. Do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D.S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 2, p. 12-25.

BENTO, J. O. Desporto e Princípio do Rendimento. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D.S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 5, p. 58-90.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. 600 p.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e os Homens**: A Máscara e a Vertigem. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

COACH Carter: Treino para a Vida. Direção de Thomas Carter. **Paramount Pictures**. EUA, 2005. 137 min. Via *Netflix*.

COUSINEAU, Phil. **O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia**. São Paulo: Mercury, 2004.

CUMMING, Sean P.; SMOLL, Frank L.; SMITH, Ronald E.; GROSSBARD Joel R. (2007) **Is Winning Everything?** The Relative Contributions of Motivational Climate and Won-Lost Percentage in Youth Sports, *Journal of Applied Sport Psychology*, 19:3, 322-336, DOI: [10.1080/10413200701342640](https://doi.org/10.1080/10413200701342640)

ELWAY, Lem. **Lessons In Losing**. 2006. Coaching Management. Disponível em: <<http://www.momentummedia.com/articles/cm/cm1411/lessons.htm>>. Acesso em 11 nov. 2017.

FONSECA, Denise et al. A Educação Física na Área das Linguagens: Aspectos curriculares, legislativos e pedagógicos. **Cenário**, Porto Alegre, n. 11, p.106-118, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JOHNSON, Felipe.; ARDUIZ, Nelly; SANTIBAÑEZ, Gissele. *Fair Play* en la derrota deportiva. El razonamiento moral de estudiantes entre 16 y 17 años. **Educación Física y Ciencia**. vol. 20, n. 3, La Plata, 2018.

JUCHEM, Luciano. **Contribuições das Competições Esportivas para a Formação e Educação de Crianças e Jovens**: O caso dos Jogos Escolares de Petronila. 2015. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KIRST, Flavio Valdir. **Esporte e Valores Sociais**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

LIMA, Licínio C. Cidadania e Educação: Adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia? **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, p.71-90, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da Ufrgs, 2004, Cap. 3, p. 75-96.

MARQUES, A. T. Desporto: Ensino e Treino. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 12, p. 142-153.

MONTEIRO, Alberto de Oliveira; BRAUNER, Mario Generosi; LOPES FILHO, Brandel José Pacheco. O DESEMPENHO DESPORTIVO: UM MOSAICO DE VALORES, SENTIDOS E SIGNIFICADOS. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 541-567, fev. 2014. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/38355>>. Acesso em 19 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.38355>.

MONTEIRO, Alberto de Oliveira; GARCIA, Rui Proença. **O Legado Axiológico dos Jogos Olímpicos**. 1. ed. Lisboa: Comitê Olímpico de Portugal, 2016. v. 1. 45p.

MORESQUI, Denizia; ANSELMO, Beatriz Moreira. CORRUPÇÃO: UM PROBLEMA NOSSO. In: Cadernos PDE (Comp.). **Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor**. Paraná: Governo do Estado. 2016. Cap. 1. p. 1-24. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uem_deniziamoresqui.pdf>.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **Revisões de literatura**. p. 191-198. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite, Organizadoras. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 319p.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; SILVA, Sidney Aparecido Dias da; GOMES, Thales Marcel Ribeiro; PESUTO, Claudinei de Lima; BACCARELLI, Walter. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 11, n. 1, [s.p.], 18 fev. 2008. Universidade Federal de Goiás.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 maio 2019.

RUBIO, Katia. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931999000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 maio 2019.

RUBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 86-91, abril 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 jun. 2019.

SITES, Marc. **A Successful Losing Season**. 2007. Publicada por: Coach and Athletic Director. Disponível em: <https://bit.ly/2Ni05kw>. Acesso em 20 dez. 2018.

SMOLL, Frank; SMITH, Ronald. **Sport Psychology for Youth Coaches: Developing Champions in Sports and Life**. [s.l.]. Rowman & Littlefield, 2012. 168 p.

SOMMERHALDER, Aline; ALVES, Fernando Donizete. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender**. 1.ed. - Curitiba, PR : CRV, 2011. 123p.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, Cultura e Educação: Possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p.7-216, jan. 2009.

VASCONCELOS-RAPOSO, José. Num desporto com valores: Construir uma sociedade mais justa. **Motricidade**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.1-7, 1 jun. 2012. Acesso em 28 fev. 2019.

VOSER, Rogério; VARGAS NETO, Francisco Xavier de. A ética no Esporte. In: VOSER, Rogério. **FUTSAL**: Princípios técnicos e táticos. 4. ed. Canoas: Ulbra, 2014. Cap. 2. p. 29-44.

WOODEN J.; JAMISON, S. **Jogando para Vencer**: a filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

8 BIBLIOGRAFIA

CORTELLA, Mário Sérgio. **Por que Fazemos o que Fazemos?** Aflições sobre trabalho, carreira e realização. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

HARARAI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

JORDAN, Michael. **Nunca Deixe de Tentar.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009. Tradução de: Claudio Figueiredo. Apresentação e comentários de: Bernardinho.

RESENDE, Bernardo Rocha de. **Transformando Suor em Ouro.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.